



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

Daniel Gustavo Melara

TCHOUKBALL:

**Apresentação da Modalidade, Registro Histórico
e Sugestões de Estratégias para seu Desenvolvimento**

Campinas - SP

2004

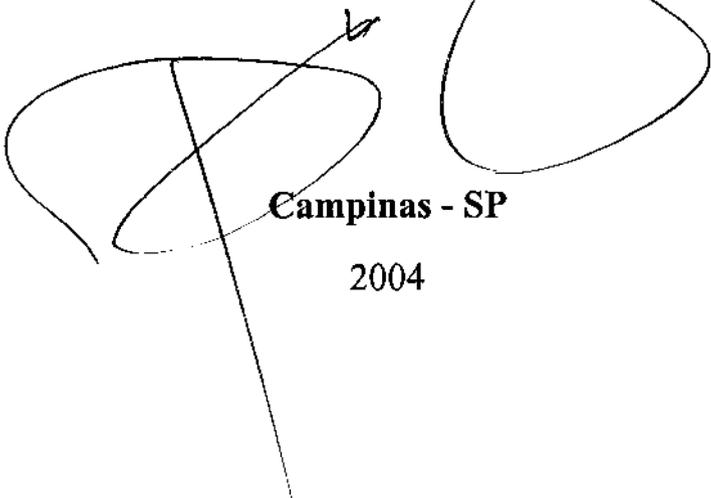
Daniel Gustavo Melara

TCHOUKBALL:

**Apresentação da Modalidade, Registro Histórico
e Sugestões de Estratégias para seu Desenvolvimento**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, como requisito parcial para a obtenção do título de professor graduado em Educação Física, na modalidade Bacharelado em Treinamento em Esportes.

Orientação: Prof. Dr. Paulo César Montagner



Campinas - SP

2004

Daniel Gustavo Melara

TCHOUKBALL:

**Apresentação da Modalidade, Registro Histórico
e Sugestões de Estratégias para seu Desenvolvimento**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, como requisito parcial para a obtenção do título de professor graduado em Educação Física, na modalidade Bacharelado em Treinamento em Esportes.

Orientação: Prof. Dr. Paulo César Montagner

Data da aprovação: 14/12/2004.

Prof. Dr. Paulo César Montagner

Prof^a. Dra. Marcy Garcia Ramos

Prof^a. Mariângela Gagliardi Caro Salve

Dedico a presente monografia a duas
pessoas:

A meu pai, Dilson, onde quer que ele
esteja, pelos inúmeros exemplos de
honestidade e bondade, e por toda a
valorização e empenho que sempre
dedicou aos estudos dos filhos.

Certamente estaria orgulhoso.

Sinto muitas saudades.

E ao grande amor da minha vida,
Julica, com quem desejo construir
uma bela família e viver o resto dos
meus dias, pela felicidade plena que
me proporciona em todos os
momentos. Eu te amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família: minha mãe, Tânia, pela doação total de si própria em nome dos filhos, e por agir sempre com as melhores intenções; ao meu irmão, Denilson, pela torcida e por saber que sempre posso contar com ele; e minha irmã, Tatiana, pelos exemplos de determinação na busca de seus objetivos e da forma de aproveitar a vida.

Agradeço a minha futura esposa, Juliana, por ter dado o incentivo essencial para o término dessa monografia, e por ser fundamental em minha vida.

Aos meus sobrinhos, Lucas e Thaís, pela contagiante alegria que torna os finais de semana em que estão presentes tão especiais.

A minha gatinha, “Vida”, pela incondicional e incansável companhia ao lado do computador em inúmeras noites.

Ao meu orientador, Cesinha, por ter acreditado em mim, pelas adaptações que tornaram viável esse trabalho, pelos inspiradores elogios ao longo de sua elaboração, e por ajudar a manter vivo o sonho de transformá-lo um dia em um livro.

À professora Marcy, por ter aceitado tempestivamente participar da banca examinadora, pela seriedade e carinho com que analisou este texto, colaborando significativamente para sua versão final.

Ao meu amigo, Julio, por estar sempre disponível a me ajudar nos contatos internacionais e pelo empenho constante na difusão do esporte.

Aos colegas de FEF, pelos grandes momentos nesses cinco anos de faculdade, e pelos exemplos de bom caráter e amizade, sem exceção, e pela participação do Torpedão nos torneios de tchoukball.

Aos companheiros de promoção do tchoukball, Océlio e Schavalla, por mostrarem ser possível a realização de bons trabalhos com a modalidade, e pelo engajamento nessa missão.

Aos parceiros praticantes do esporte: Fabio, Diego, Jerônimo, Robson, Ednilton, Zé Luiz, Adilson, “Feijão”, Ézer, Erasmo, Rodrigo, Zeitune, Menchini, Uhle, “Ponte”, Lucas e “Tulu”, por concordarem em responder ao questionário e assim colaborarem para a obtenção dos resultados esperados.

Aos estrangeiros: John Andrews (Inglaterra), Ghislaine Ouvrard (França), Michel Favre (Suíça), Chiara (Itália), Marc Beaulé (Canadá), Pierre-Alain (EUA) e Chris Huang (Taiwan), por serem importantes fontes de referência e darem relevantes opiniões, que certamente enriqueceram essa monografia.

A uma das bibliotecárias da FEF, Andréia, por ter sido tão prestativa e competente na formatação e na disponibilidade de informações técnicas para essa pesquisa.

Aos colegas de Banco do Brasil, Bete e Marcelo, pela surpresa proporcionada ao aceitarem a ajudar nas traduções, tão prontamente.

E agradeço a Deus, por tornar tudo isso possível e ter sido tão maravilhoso em minha vida.

MUITO OBRIGADO!

Certamente esse trabalho não seria o mesmo sem vocês.

RESUMO

Como introdução, há um relato das **vivências pessoais** do pesquisador relacionadas ao tchoukball, desde os primeiros contatos. No primeiro capítulo, foi realizada uma **apresentação da modalidade**, com informações sobre as regras, complementadas por algumas reflexões pessoais do pesquisador, como tentativa de facilitar o entendimento de quem lê pela primeira vez sobre o assunto e, ao mesmo tempo, aprofundar a análise para quem já conhece e se interessa pelo esporte. No segundo capítulo, foi feito um registro da **história do tchoukball**, na qual foram relatadas algumas das trajetórias percorridas pelo esporte no mundo e no Brasil. O terceiro capítulo é reservado a ponderações do autor sobre alguns **paradigmas atuais**. No quarto e quinto capítulos, foi apresentada uma **pesquisa**, com seus respectivos resultados, feita por meio de entrevistas com praticantes e responsáveis pela difusão em alguns países. O objetivo da realização dos questionários foi identificar o perfil dos praticantes e os motivos que os levam a seguir jogando, e registrar opiniões de alguns dos líderes internacionais. Por último, as considerações finais, compostas por algumas sugestões de estratégias para o desenvolvimento do tchoukball.

Palavras-chave: tchoukball, esporte, jogo.

Contato: dgm.tchoukball@terra.com.br

ABSTRACT

As for introduction, there is a personal experiences' report of the researcher, relating to tchoukball, from the first contacts. At chapter one, there is an explanation about the sport, with some information about rules, completed by some of the researcher's comments. As an attempt to make the understanding easy to those who do not know anything about the subject and also to interest even more those who are keen to the sport. At chapter two, there is a register of the history of tchoukball, with some facts about the subject in Brazil as well as around the world. The third chapter is reserved to reflections from the author about the paradigms on the tchoukball nowadays. At chapters four and five, a research was showed, along with its results made from interviews with Brazilian players and people related to the growth of this sport around the countries. The main intention that led the researcher to formulate this questionnaire was to identify the trainees' profile and the reasons that lead them to play tchoukball as well as to Record the opinions of some international leaders. At last, some final thoughts, with some strategies suggestions to develop the tchoukball in our territory.

Keywords: tchoukball, sport, game.

E-mail: dgm.tchoukball@terra.com.br

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Quadro de remissão oficial	16
Figura 2 -	Esquema ilustrativo da quadra e da área restritiva	16
Figura 3 -	Tchoukball adaptado à piscina: inovação no Brasil	17
Figura 4 -	Arremesso mais comum do tchoukball	19
Figura 5 -	A chamada “trajetória-espelho” do tchoukball	19
Figura 6 -	Defesa bem sucedida, porém executada de forma desordenada	20
Figura 7 -	Situação de jogo que dá uma boa noção das formas mais comuns de se atacar e defender no tchoukball	21
Figura 8 -	Hermann Brandt, inventor do tchoukball	22
Figura 9 -	Jogada inédita criada por um recém-praticante	36
Tabela 1 -	Percentual de participação dos entrevistados nas competições mais significativas de tchoukball ocorridas nos últimos anos.....	47
Gráfico 1 -	Aparecimento de cada motivo nas respostas, dividido pelo grau de importância dado pelos entrevistados	56

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A:	Regras Completas	63
ANEXO B:	A Carta do Tchoukball	69
ANEXO C:	História da Federação Internacional de Tchoukball <i>Texto enviado por Michel Favre, por e-mail</i>	71
ANEXO D:	Íntegra dos questionários respondidos pelos entrevistados oriundos de outros países (versões originais, em inglês)	80

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS	14
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO À MODALIDADE	15
CAPÍTULO 2: HISTÓRICO	
2.1. Internacional	22
2.2. No Brasil	25
CAPÍTULO 3: ALGUNS PARADIGMAS ATUAIS	29
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	39
4.1. Questionários	40
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS E REFLEXÕES	47
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	63

APRESENTAÇÃO

Em meados de 1993, quando estudava no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, durante o ensino médio, tomei contato com uma modalidade esportiva nova, desconhecida para mim até então: o tchoukball. A começar pelo nome, que representa a onomatopéia do momento em que a bola é arremessada no quadro (“tchouk!”), tudo era um pouco estranho naquele esporte suíço.

Não poder driblar levando a bola ao chão, como no basquete e handebol; acostumar-se com a possibilidade de também arremessar no mesmo lado que acabara de defender; e principalmente, não poder marcar diretamente o adversário ou interceptar um passe, pareciam características difíceis de serem assimiladas. Algumas outras proibições pareciam torná-lo pouco dinâmico.

Porém, eu, que sempre estava presente nas equipes do colégio, não importasse o esporte, passei a praticá-la de forma recreativa freqüentemente, com os amigos nos intervalos das aulas, me adaptando àquelas estranhas regras, e assim, tomando gosto pela modalidade que para mim despontava. Logo em seguida, vivenciamos também o lado competitivo, tendo disputado um torneio entre equipes de nossa escola e outra do mesmo bairro.

Por circunstâncias diversas, acabei me afastando do tchoukball durante alguns anos, após o término daquele curso, e viria a me deparar com ele apenas no final da década, em 1999, após reencontrar um amigo daquela época, Julio Calegari, que havia retomado seu envolvimento com o assunto. Coincidentemente, já estava na faculdade de Educação Física, o que certamente colaborou para aumentar ainda mais meu interesse pelo esporte, não apenas como jogador, mas como um futuro profissional da área.

Após alguns meses do retorno à prática, surgiu uma grande oportunidade: fazer parte da delegação brasileira que disputou o Festival Internacional, realizado em agosto daquele ano em Genebra, na Suíça. Esse evento contou com a participação de seis países: Suíça, França, Grã-Bretanha, Taiwan e Itália, além do Brasil. Tratou-se de uma experiência bastante significativa, sendo minha primeira viagem ao exterior, e também a primeira vez que pude ter contato com um tchoukball verdadeiramente bem jogado, além da atmosfera amistosa e fraterna do evento, me motivando a desejar desenvolvê-lo em nosso país. Ficamos em quinto lugar, à frente da seleção francesa.

A partir dali, minha vivência como jogador era enriquecida, fase na qual freqüentava treinamentos aos finais de semana com o pessoal da recém-formada seleção brasileira, em São Paulo, ao mesmo tempo em que se iniciava o envolvimento pessoal com a difusão, participando de diversas apresentações em colégios e unidades do SESC, além de inserir o tchoukball no vocabulário esportivo dos alunos da Unicamp. Eram propostas vivências recreativas esporádicas, e era aproveitado o espaço cedido pelos professores para desenvolvimento de aulas sobre modalidades alternativas, em que tentava encaixar a “minha” em todas as oportunidades.

Posteriormente, em 2002, nova experiência internacional, com olhos menos vislumbrados e um tanto mais críticos: segundo torneio mundial de seleções, na Inglaterra. Dessa vez, maior número de equipes e competição mais acirrada. Enquanto o clima no primeiro encontro era de festival, nesse era de torneio para valer. Todos parecendo levar bem mais a sério, colocando a vitória em primeiro lugar. Com a participação de países diferentes, e também surpreendentes pelo nível do tchoukball apresentado na primeira competição internacional, como Japão e Canadá, tivemos noção do amadorismo que ainda caracteriza o tchoukball brasileiro: sétimo lugar, à frente apenas da já considerada rival Itália, e a certeza de haver muito trabalho pela frente.

Aquela foi a confirmação do engajamento que viria a me acompanhar dali em diante. A vontade de contribuir com o processo de difusão e desenvolvimento do tchoukball no Brasil era eminente. Estava decidido: era com isso que gostaria de atuar na Educação Física.

E foi para isso que trabalhei no ano seguinte: prosseguimento das apresentações eventuais na Unicamp, e, principalmente, colocação em prática do projeto de montar um grupo de desenvolvimento do tchoukball em Jundiaí-SP. Incluído no chamado Projeto Escola da Família, aos sábados, em uma escola pública, o tchoukball se mostrava à cidade.

Depois de poucos meses, a realização de um grande sonho: a organização do Torneio Paulista de Tchoukball, em dezembro de 2003, com apoio da Prefeitura Municipal de Jundiaí, e a participação de equipes da cidade-sede, de São Paulo e de Campinas, com a conquista de espaço significativo nos jornais da cidade durante a semana de promoção do evento, e reconhecimento positivo de todos os participantes. No final desse ano, 2004, participei também da Taça São Paulo, na capital paulista, como jogador.

Diante do cenário e das vivências pessoais descritas anteriormente é que foi iniciada a presente monografia, como fechamento de um curso em cuja trajetória completa havia a certeza do assunto a abordar, restando apenas a definição de um tema. Como um primeiro passo acadêmico, a opção escolhida foi fazer um registro histórico da modalidade, uma vez que poucos a conhecem e que também há pouquíssimos trabalhos que abordam essa matéria, contribuindo dessa vez de uma maneira distinta para sua difusão.

OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS

O objetivo principal desse trabalho de conclusão de curso foi CRIAR UMA REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA e uma fonte de consulta do tchoukball para os atuais envolvidos com a difusão e também para os novos interessados que certamente surgirão para colaborar na sua inserção nos mais diversos contextos esportivos, uma vez que praticamente não há outras referências bibliográficas nacionais que abordem esse esporte.

Outra finalidade foi fornecer dados estatísticos que, espera-se, tragam informações relevantes a quem desejar realizar algum trabalho com a modalidade, principalmente relativas aos motivos pelos quais os praticantes pesquisados conservam-se atuantes.

Buscou-se também tornar públicas algumas opiniões de significativa importância na promoção do esporte no mundo, que culminaram na apresentação de algumas sugestões de estratégias para o seu desenvolvimento em novas regiões.

Essa iniciativa, em virtude da escassez quase total de outras referências, e por de ser essa uma das primeiras em âmbito teórico-acadêmico no território nacional, pode se tornar uma marca na história brasileira do esporte, e certamente foi uma das principais justificativas e motivações para sua realização. O envolvimento total do pesquisador com o assunto já há algum tempo e o interesse em realizar ações na área de Educação Física que digam respeito especificamente ao tchoukball também foram justificativas importantes.

CAPÍTULO 1: **INTRODUÇÃO À MODALIDADE** ¹

O tchoukball é um esporte jogado com as mãos que mistura elementos de outras modalidades: handebol, voleibol e pelota basca (bastante popular na Espanha), sendo caracterizado peculiarmente de duas formas:

- inexistência de contato físico entre os praticantes, já que a regra impede qualquer tipo de interceptação ou marcação direta durante a construção do ataque adversário (na Europa recebe o título de “O Jogo da Paz” em razão da impossibilidade de violência);
- ausência de um alvo a atacar e outro a defender fixos para cada equipe, que impõe a necessidade de se atacar e defender ambas as balizas em todos os momentos e confere grande possibilidade de dinamismo em níveis médios de desenvolvimento dentro do esporte.

O objetivo primordial é fazer com que a bola caia no chão, fora de uma área restritiva (semicircular, com 3m de raio) e dentro da área de jogo, após rebater em uma superfície elástica de uma estrutura metálica de 1m² colocada a 55° de inclinação em relação ao solo, complexo chamado quadro de remissão (ver figuras a seguir).

¹ As reflexões contidas nesse capítulo foram produzidas a partir das experiências do pesquisador, desde sua iniciação ao esporte, em 1993, passando pelo afastamento de alguns anos e posterior retomada do envolvimento com a modalidade, em 1999, complementadas por informações sobre regras oriundas das seguintes páginas da internet: www.tchoukbrasil.hpgvip.com.br, www.tchoukball.com.br e www.tchoukball.org. Assim, assumimos integralmente as informações técnicas contidas nesse capítulo como verdadeiras. Maiores informações sobre as regras, ver anexo A, com as regras completas.



Figura 1: Quadro de remissão oficial, utilizado no Campeonato Mundial de 2002, na Inglaterra.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

A área oficial de jogo é uma quadra de 40 x 20m, porém na realidade brasileira é quase impossível jogar nessas dimensões, dadas algumas dificuldades frequentes como a escassez de quadras com essas medidas e disponíveis para a prática de um esporte pouco conhecido, assim como a insuficiência de quantidade de pessoas para jogar, já que, pelas regras oficiais, as equipes devem ter nove jogadores de cada lado. Admite-se oficialmente uma versão com sete jogadores por equipe.

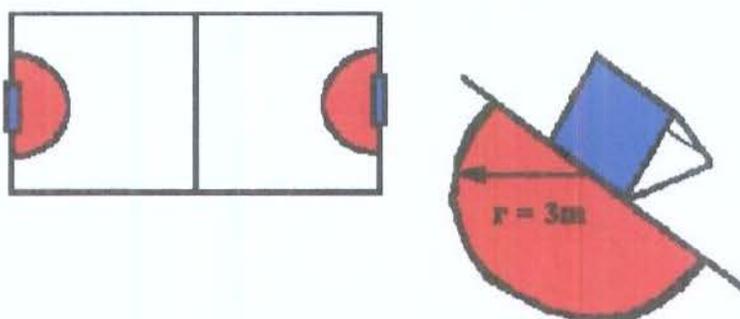


Figura 2: Esquema ilustrativo da quadra e da área restritiva.

Fonte: www.tchoukball.com.br.

Assim sendo, são comuns e necessárias adaptações à regulamentação oficial, o que de forma alguma compromete o seu dinamismo. Como exemplos, pode ser citada a redução no número de pessoas, usualmente jogando-se com sete integrantes em cada equipe (ou até menos), e a mudança nas características originais do terreno de jogo: as dimensões (é comum jogar em espaços similares aos do vôlei ou do basquete) e às vezes a superfície propriamente dita, jogando-se na grama, areia ou até mesmo na piscina, experiência realizada pela primeira vez no Brasil.



Figura 3: Tchoukball adaptado à piscina, em uma das unidades do SESC em São Paulo: inovação no Brasil.

Fonte: Acervo pessoal de CALEGARI.

As alterações de superfície são possíveis graças a uma propriedade da modalidade advinda do voleibol: o fato de ser um esporte **totalmente aéreo**, regido por normas que não permitem que se conduza a bola tocando-a no chão como no basquetebol ou no handebol. A condução nesse caso é feita exclusivamente por meio de passes, o que praticamente elimina a presença daquele jogador conhecido em outras modalidades como “fominha”. Como consequência, o tchoukball pode ser considerado um esporte coletivo com

privilegiado potencial para o trabalho cooperativo. Como, obrigatoriamente, os passes são feitos pelo alto, não existe o chamado passe picado das modalidades citadas anteriormente.

Em razão de não haver a possibilidade de interceptação ou marcação direta, surge a necessidade de se limitar de alguma forma a manutenção da posse de bola, ou através do tempo, como no basquete, ou da quantidade de passes, como no vôlei. No caso do tchoukball, utiliza-se o máximo de três passes, sem contar a reposição da bola do fundo da quadra, que ocorre sempre que uma equipe marca um ponto, fora da área de jogo, e do mesmo lado onde ocorreu a situação que o gerou².

Ainda sobre a reposição, antes de ser arremessada contra qualquer dos quadros, a bola deve ultrapassar a linha do meio da quadra, não necessariamente no primeiro passe, embora essa seja a situação mais comum. O início da partida também é realizado dessa maneira.

A progressão se dá por meio de passes, sendo permitido ao jogador dar ainda três passos com a bola nas mãos, em um gesto semelhante ao ritmo trifásico do handebol, o que contribui para elevar a velocidade na execução das jogadas e, conseqüentemente, a rapidez com que a bola é rebatida. Essa característica torna as defesas bastante difíceis, em parte pela distância pequena que separa o quadro de remissão do local onde estão posicionados os defensores (não menos que três metros, já que não podem invadir a área), potencializada ainda pela grande proximidade com que é feita a maior parte dos arremessos³.

Os arremessos podem ser (e comumente são) executados de uma região bastante próxima aos quadros de remissão, pois não há a figura do goleiro nem marcadores entre o arremessador e a baliza (como no futebol, handebol e outras modalidades).

² Dadas as inúmeras formas de serem computados os pontos, tanto para ganhá-los como para concedê-los ao grupo oponente, sugerimos consulta às regras completas, contidas no anexo A.

³ Ver figura 4, na próxima página.



Figura 4: Arremesso mais comum do tchoukball, durante uma partida do Torneio Paulista 2003, em Jundiaí: bastante próximo ao quadro de remissão e sem a presença de marcadores à frente do arremessador.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Assim sendo, o atacante tem o caminho livre para atingir o quadro, restando à defesa a tarefa de perceber onde a bola irá cair após ser rebatida, até certo ponto previsível devido à “trajetória-espelho” que ela irá realizar.

Por exemplo: ao arremessar pelo lado esquerdo de um dos quadros, a bola tende a voltar para o lado direito com aproximadamente o mesmo ângulo em relação à linha de fundo, o que se configura em uma referência para o posicionamento defensivo.

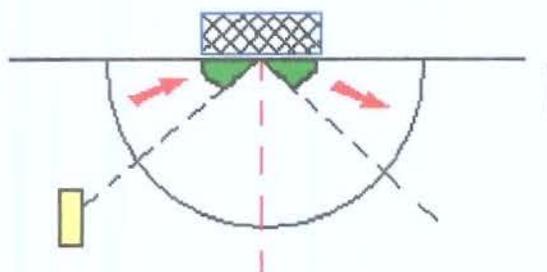


Figura 5: A chamada “trajetória-espelho” do tchoukball.

Fonte: criação visual do pesquisador.

Essa pode ser considerada uma maneira simplista de se analisar o arremesso, pois os jogadores, após um determinado conhecimento das variáveis que interferem no seu resultado, aplicam efeitos à bola e outros recursos para tentar dificultar a percepção dos jogadores da defesa acerca da trajetória da bola após o rebote.

Assim, a antecipação da trajetória não é tão precisa devido também à diversidade de jogadas e criatividade dos jogadores, e conseqüente imprevisibilidade do exato momento em que ela será arremessada.

Em inúmeras vezes o primeiro passe já é realizado para um companheiro em condições de arremesso, permitindo à sua equipe fintar ou simular o arremate por três vezes, o que pode gerar conflitos e provável desarranjo na estrutura defensiva, aumentando a probabilidade de se conseguir o ponto no ataque.



Figura 6: Defesa bem sucedida, porém desarranjada, no Torneio Paulista 2003.
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

→ A duração da partida, oficialmente, é de três tempos de 15 (quinze) minutos para homens, e de 12 (doze) para as mulheres, sem parada de cronômetro, regulamentação que pode ser alterada ou adaptada sem maiores problemas para uma limitação por número de pontos, por exemplo, como ocorre com o voleibol.

No estado de São Paulo, têm sido comuns torneios com equipes de cinco jogadores, em uma quadra com o comprimento similar ao do vôlei e largura à do basquetebol, com resultados bastante satisfatórios, considerados até superiores à versão oficial, especialmente no que se refere ao dinamismo e participação efetiva dos jogadores ainda maiores, conforme alguns depoimentos verbais de jogadores que vivenciaram ambas as situações.



Figura 7: Partida do Campeonato Mundial em 2002, entre Suíça e Taiwan, que dá uma boa noção das formas mais comuns de se atacar e defender no tchoukball.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

CAPÍTULO 2: **HISTÓRICO**

2.1. Histórico Internacional⁴

Em comparação com outros esportes, o tchoukball pode ser considerado bastante recente. Oficialmente, foi inventado em 1970, na Suíça, por um médico da cidade de Genebra chamado **Dr. Hermann Brandt**. A data é associada à invenção do esporte em virtude de suas regras terem sido formalizadas nesse ano, apesar de haver informações que indicam encontros, apresentações e artigos já a partir de 1967 (FAVRE).



“O objetivo das atividades físicas humanas não é formar campeões, mas sim contribuir para a construção de uma sociedade mais harmoniosa”.

BRANDT (1971)

Figura 8: Hermann Brandt, inventor do tchoukball.

Fonte: Texto “História”, da página www.tchoukball.com.br.

Ele, que em sua atuação profissional na Suíça contribuíra para o desenvolvimento do basquetebol feminino e do esporte universitário, realizou estudos de aspectos biológicos e psicológicos da motricidade humana e da Educação Física de uma forma geral, tendo atuação marcante e pioneira na medicina esportiva e fisioterapia daquele

⁴ As informações contidas nesse item foram baseadas nas seguintes páginas na internet: www.tchoukbrasil.hpgvip.com.br, www.tchoukball.com.br e www.tchoukball.org, além de um documento pessoal escrito em inglês pelo suíço Michel FAVRE, um dos pioneiros da criação do esporte e amigo pessoal do inventor do tchoukball, enviado ao pesquisador por e-mail, reproduzido integralmente no anexo C. Assumimos como verdadeiras tais informações, por tratarem-se de fontes extremamente confiáveis e significativas para a história da modalidade.

país. Nessa área, teve oportunidade de atender a inúmeros atletas lesionados, e com base nos casos estudados na clínica médica, iniciou estudos nos anos 60 abordando os esportes coletivos, e enfocando principalmente a grande quantidade e variedade de lesões, em decorrência tanto de movimentos executados de forma inadequada à fisiologia do exercício e anatomia do indivíduo, como da violência e agressividade presentes na maioria das modalidades coletivas.

Segundo Favre, a partir desses estudos, o resultado teórico foi a elaboração de um livro intitulado *“Um Estudo Científico dos Esportes Coletivos”*, apresentado na Universidade de Lisboa em 16 de agosto de 1970, e que recebeu na ocasião o então renomado Prêmio Thulin, concedido pela Federação Internacional de Educação Física (FIEP). Nesse livro, ele apresenta como resultado prático a criação do tchoukball, uma proposta de esporte dotada de menor agressividade e violência do que os esportes mais populares, ou que talvez não as apresentasse.

Ele imaginou, ao que parece acertadamente, que poderia contribuir para difundir-lo ao redor do mundo. E começou rapidamente a estabelecer contatos para alcançar seus objetivos, entre eles o suíço Michel Favre. Esse é certamente um dos principais nomes engajados no desenvolvimento da modalidade, atuante até os dias de hoje. São constituídas no ano de 1971 as associações nacionais da França e da Suíça, e posteriormente a Federação Internacional de Tchoukball (FITB), com a participação desses dois países e sob a presidência de Hermann Brandt.

Segundo Favre, Brandt, que já se apresentava gravemente enfermo, faleceu em novembro de 1972, após longos anos de luta contra a doença (não divulgada). Sua história parece servir de exemplo para todos os envolvidos no processo de desenvolvimento do tchoukball, ao contribuir ativamente para realização de seu sonho, inicialmente incluindo a modalidade nos níveis iniciais da escola e, posteriormente, nos colégios e universidades, o

que colaborou para o maior envolvimento dos jovens no esporte, que passam então a levá-lo aos clubes sócio-recreativos e, de certa forma, contribuir para sua popularização.

Durante esse ano, ele e Favre conheceram o Sr. John Andrews, um dos grandes nomes na difusão ao redor do mundo, depois de iniciá-la na Inglaterra com a criação da Associação Inglesa de Tchoukball já em 1972. Posteriormente tornou-se presidente da FITB e também da FIEP (FAVRE).

Aparentemente, 1977 tornou-se uma data importante na história mundial, uma vez que, nesse ano, Andrews, por meio de um senhor chamado Ray Ming Fong, levou o esporte para Taiwan, um verdadeiro fenômeno de eficiência nos campeonatos mundiais, detendo a supremacia quase absoluta dessas competições, quebrada apenas na edição mais recente, em agosto de 2004, sediada naquele país, com a vitória surpreendente da Suíça, país no qual o tchoukball foi inventado. A história do esporte nesse país ainda é obscura para nós, mas merece uma atenção especial, devido à impressionante performance apresentada por eles nos mundiais da Suíça (2000) e Inglaterra (2002), e presenciada por nós, jogadores brasileiros participantes dessas competições. Segundo Favre, há aproximadamente 1.200 times no país.

Calegari, brasileiro que esteve presente em Taiwan para aprender um pouco mais sobre o esporte, informa que, segundo Chris Huang, principal promotor da modalidade atualmente depois da morte de Fong, houve um período em que eram oferecidas bolsas de estudos em universidades para quem jogasse tchoukball. Não há clubes formais praticando no momento, pois a ênfase parece ser o esporte escolar no ensino fundamental, restando apenas algumas escolas de ensino médio e universidades. Mas há diversos torneios e campeonatos escolares, onde há grande competitividade entre os inúmeros times participantes e nível técnico extremo, além de uma participação maciça dos alunos, que só perde para o basquetebol, esporte considerado mais popular que o voleibol e o handebol, e muito mais que o futebol. Ainda segundo Calegari, as características culturais de seriedade e disciplina

associadas aos povos orientais parecem favorecer a organização do esporte no país, assim como a rigidez dos treinamentos, associados muitas vezes a um caráter científico que cria especialistas em todas as posições, fato raro em outros países.

Por diferentes caminhos, o tchoukball ganhou adeptos em diversos outros países, basicamente devido ao engajamento de um pequeno grupo que contribuiu bastante e ainda contribui para o processo de popularização do esporte, e que certamente terão a gratidão dos pioneiros em sua difusão e deixarão suas marcas na história da modalidade, mesmo que no anonimato.

Atualmente, é praticado, em escalas diferentes, nos seguintes países: França, Suíça, Bélgica, Alemanha, República Tcheca, Eslováquia, Noruega, Suécia, Finlândia, Itália, Israel, Malta, Arábia Saudita, Taiwan, Coréia, Hong Kong, Japão, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Argentina, Brasil e México.

2.2. Histórico no Brasil ⁵

No Brasil, as primeiras histórias das quais se têm notícias são de 1987, ano no qual foi realizado um Congresso de Educação Física em Santa Catarina, quando teria sido exposta a novidade no país por meio de uma palestra dada pelo Sr. John Andrews, então presidente de duas importantes representações: a Federação Internacional de Educação Física (FIEP) e a Federação Internacional de Tchoukball (FITB). Entre os expectadores da

⁵ As informações contidas nos três primeiros parágrafos desse capítulo são baseadas no texto "Difusão Brasil", da página www.tchoukbrasil.hpgvip.com.br. Assumimos como verdadeiras tais informações, por tratar-se de fonte extremamente significativas na história da modalidade. O restante do capítulo foi originado a partir das reflexões do pesquisador.

apresentação, apenas um teria se interessado: o Sr. **Nelson Schavalla**⁶, um professor de Educação Física da cidade de Pato Branco – PR, que, a partir daquele ano, teria passado a desenvolver o esporte em sua região, principalmente nas escolas públicas. ✕

✕Ainda segundo esse site, o tchoukball teria começado a se desenvolver mais consistentemente apenas a partir de 1993, quando um brasileiro chamado **Océlio Antonio Ferreira**⁷, que residira durante 30 meses na Europa, voltou ao Brasil, e trouxe consigo o sonho de desenvolver o esporte em nosso país. Lá, teve oportunidade de morar na Itália e na Suíça, sendo que nessa última realizou um estágio na equipe Lausanne Tchoukball Club e também na seleção nacional, tendo participado de diversos torneios nacionais e internacionais.

Depois de voltar ao Brasil, mais especificamente ao estado de São Paulo, ele iniciou o trabalho de difusão com workshops, palestras, cursos, apresentações e até alguns torneios. Em uma dessas apresentações, conheceu um rapaz chamado **Julio Calegari**⁸, então estudante de Turismo, que acabou se interessando pelo esporte e se engajando na causa da sua popularização. Nessa época, iniciaram-se contatos e parcerias entre eles e o SESC, através de suas diversas unidades na Capital, Interior e Litoral paulistas. Mais uma vez, o SESC deu demonstrações da seriedade de sua atuação e foi um dos grandes agentes responsáveis pela difusão ao ceder os espaços de sua vasta estrutura. ✕

⁶ Nelson Schavalla é professor de Educação Física da rede pública do estado do Paraná, tendo realizado monografia sobre o tchoukball. É credenciado pela Federação Internacional de Tchoukball (FITB), e atualmente realiza trabalho significativo com o tchoukball na cidade de Pato Branco-PR, ministrando palestras e cursos. Foi treinador da seleção brasileira no Torneio Mundial de 2002, na Inglaterra.

⁷ Océlio Antonio Ferreira é credenciado da FITB e é um dos ícones da difusão no Brasil, tendo sido o primeiro a traduzir textos sobre o tchoukball para o português, e também a iniciar a difusão em São Paulo. Atualmente, tem participação destacada na região Nordeste, principalmente em Aracaju-SE, cidade em evidência no cenário nacional do tchoukball de praia. Administra ainda a Associação Sergipana da modalidade e ministra cursos e palestras sobre o assunto.

⁸ Julio Calegari é presidente da Associação Brasileira de Tchoukball, tendo organizado palestras, seminários e clínicas desportivas desde 1997. Participou de diversos torneios como jogador, tanto no Brasil como no exterior. Atua com o tchoukball intensamente em São Paulo, realizando constantes apresentações aos finais de semana em escolas, parques e outros espaços públicos. É coordenador de promoção internacional da FITB, fazendo viagens a serviço da entidade para divulgar o esporte em países como Argentina, Singapura, República Tcheca e Polônia.

Desde então, cada um dos três cidadãos citados tomou rumos diferentes na vida, mas mantiveram a vontade e o gosto pela árdua tarefa de difundir um esporte totalmente desconhecido no país, sabendo das dificuldades que os aguardavam. Atualmente, são reconhecidos pelos praticantes e pelos membros internacionais da Federação como responsáveis pela primeira fase de implantação do esporte no Brasil, talvez a mais difícil, e que ainda se estende até hoje.

Océlio Antonio Ferreira encontra-se em Sergipe, Julio Calegari em São Paulo e Nelson Schavalla no Paraná, locais onde os três realizam trabalhos específicos, e onde certamente os esportes são um pouco mais conhecidos. Cada um parece exercer seu trabalho em diferentes frentes: Schavalla na área escolar, profissional da Educação Física e membro das entidades representativas da profissão; Océlio na área social, com grande participação junto à comunidade de sua região e trabalho notável com o tchoukball de praia, em Aracaju, Salvador e arredores; e Julio na internacional, com facilidade de comunicação em vários idiomas e atuação profissional principal na área de turismo, facilitando a viagem dos atletas para algumas competições internacionais e estreitando o contato com as entidades internacionais e nacionais de outros países. Os três demonstram grande capacidade e realizações, e juntos poderiam liderar um processo mais amplo e elaborado de difusão no Brasil, aproveitando suas aptidões e podendo realizar um trabalho mais completo e com abrangência nacional.

O amadorismo ainda paira na organização do tchoukball brasileiro, representado principalmente pela difícil comunicação entre as pessoas que trabalham bastante em favor do esporte em suas regiões, porém de forma isolada entre si. Interesses e divergências de ordem pessoal parecem ser a tônica do relacionamento entre eles, o que certamente prejudica a implementação de ações mais consistentes no âmbito nacional.

Existem duas associações criadas atualmente e regulamentadas oficialmente: a Sergipana e a Baiana, ambas organizadas pelo Sr. Océlio. A Brasileira, presidida por Julio Calegari, ainda não foi registrada oficialmente, ao que parece devido a questões financeiras, como pagamentos de taxas, e alguns desentendimentos de ordem particular, que aparentam ser mais fortes do que a possibilidade de conciliação e uma opção pelos interesses coletivos da modalidade, que levariam a medidas para uma tentativa de difusão nacional, de forma planejada, organizada e verdadeira. Apesar disso, ela é reconhecida internacionalmente, o que pode colaborar para uma formação de imagem distorcida da realidade interna brasileira, ainda em estágio inicial de desenvolvimento, para a comunidade internacional tchoukbolista.

Lentamente, novas pessoas vão se interessando pela modalidade e aceitando participar desse desafio, numa esperança de poder dar novas idéias e colaborar com sua realização. Em especial, a presença de profissionais de Educação Física vai crescendo, o que dá esperança de implementação nas escolas, locais freqüentemente citados como ideais para um início de trabalho duradouro. A princípio, eles estariam motivados pelo desenvolvimento de suas carreiras profissionais, e possuiriam conhecimentos específicos para a introdução do tchoukball de maneira mais estruturada e livre de vaidades. Seria uma contribuição e tanto para a história do esporte no Brasil. Hermann Brandt agradeceria.

CAPÍTULO 3: **ALGUNS PARADIGMAS ATUAIS**

Serão analisados a seguir dois conceitos presentes nas divulgações do esporte pelo mundo afora: a possibilidade normal de se ter praticantes de todas as idades e de ambos os sexos ao mesmo tempo; e a idéia de o tchoukball ser considerado não violento, chamado de “Esporte da Paz”, e sua relação com a competitividade. Há ainda, no final desse capítulo, uma reflexão sobre estratégia de ensino.

Um dos principais slogans do tchoukball é a possibilidade natural de se ter **praticantes de todas as idades e de ambos os sexos ao mesmo tempo**, em uma mesma quadra. Essas afirmações podem ser analisadas com certas ressalvas. Embora não tenham sido analisadas sob um olhar científico, as experiências práticas aqui no Brasil mostram que, nos níveis iniciais, os desempenhos apresentados por meninos e meninas, homens e mulheres, jovens e adultos, quando comparados entre si, são muito distintos, gerando uma prática bastante heterogênea e que pode ser complicada quando realizada de forma concomitante.

As possibilidades parecem ser bastante semelhantes às apresentadas nos demais esportes. De uma maneira geral, as características físicas são importantes e tendem a ser decisivas nesse desequilíbrio. Imaginar que os mais idosos ou as garotas terão velocidade, força, resistência, agilidade ou habilidade similares aos jovens rapazes pode soar ingênuo por parte de quem defende essas idéias de forma acrítica.

Na prática, as jogadas acabam sendo protagonizadas pelos jovens com um histórico maior dentro dos esportes e, conseqüentemente, um repertório mais amplo de movimentos e habilidades motoras. As garotas ou os mais velhos que não possuem tanta experiência nos outros esportes podem acabar sendo “discriminados” e os mais hábeis tender a evitar passar a bola para eles, principalmente nos momentos decisivos, como forma de tentar

garantir a vitória ou a marcação de um ponto. Ou o fazem de maneira artificial, num momento raro de demonstração de empatia, colocando-se no lugar dos menos habilidosos e tentando fazer com que participem do jogo, apesar da nítida diferença de nível de entendimento e execução do esporte.

Por essa ótica, o tchoukball não parece ser diferente das modalidades mais praticadas comumente. Evidentemente, exceções podem ocorrer, e são sempre em níveis competitivos, de alto rendimento. Por exemplo: com aproximadamente 40 anos de idade, durante o Torneio Mundial de 2002, em Loughborough – Inglaterra, um jogador da seleção do país-sede figurava entre os titulares de sua equipe, jogando de forma muito mais cerebral ou estratégica do que vigorosa, com um entendimento privilegiado do jogo como um todo. Sua liderança e importância psicológica para o grupo o credenciavam e justificavam sua concomitante atuação como treinador. Nos momentos em que ele não estava em quadra, parecia que os companheiros não desempenhavam suas funções com a mesma eficácia e, de uma maneira geral, não demonstravam a mesma confiança.

Porém, trata-se de uma exceção, em um nível elevado de competição, e de um jogador que há anos pratica o esporte, apresentando uma vivência e experiências significativas, que a maioria dos atletas de outras seleções não possuem. Mesmo assim, quando avaliado sob o aspecto de rendimento ou mesmo de eficiência de arremessos, por exemplo, não era um jogador que se destacava.

Uma situação como essa parece comum no futebol, nas “peladas” de bairro, quando, por exemplo, um ex-jogador consegue praticá-la num patamar parecido ou mesmo superior ao dos jogadores mais jovens, devido à habilidade e experiência conquistadas, e também ao condicionamento físico adquirido no período longo de treinamento na modalidade.

Por outro lado, se tentarmos colocar pessoas pertencentes a um estágio inicial de prática, porém de sexos ou idades diferentes, mesmo no futebol, é possível imaginar

que o desempenho demonstrado na quadra por eles seja bastante distinto, sendo necessária uma adequação cuidadosa das aulas ou do treinamento para um mesmo grupo. Parece previsível que isso também ocorra nos níveis iniciais de prática dentro do tchouk, que são a maioria absoluta das apresentações dentro do Brasil.

A própria Federação Internacional, ao elaborar uma competição como os torneios mundiais, assim como as associações nacionais ao organizar campeonatos dentro dos países os fazem com separação entre equipes masculinas e femininas, num claro indício que, de uma maneira geral, não é possível uma competição igual envolvendo os dois grupos. Nessas competições, é bom que se ressalte que existem iniciativas de torneios mistos ou abertos, em que aí sim essas misturas ocorrem, porém com importância secundária.

Não há separação também por idade, pois parece não existir número suficiente de jogadores para se organizar um evento com equipes mais experientes ou de adolescentes separadamente, como acontece nos demais esportes. Então as equipes formam-se como quiserem, sem restrição de idade, respeitando apenas o critério da nacionalidade, evidentemente. O exemplo do jogador britânico citado anteriormente foi de fato uma exceção, não só por conseguir ser competitivo, mas também o único com idade mais elevada.

Assim sendo, é preciso tomar cuidado ao afirmar que é um esporte para todas idades e ambos os sexos. Pode até ser, mas não ao mesmo tempo, assim como ocorre em qualquer outro esporte, a não ser com finalidades estritamente recreativas.

Um outro aspecto da divulgação do tchoukball é o fato de ser **chamado de “Esporte da Paz”**, reconhecido pela ONU, e amplamente utilizado com estratégia de divulgação pelo Brasil, por não permitir contato físico entre os jogadores e assim impedir qualquer forma de violência.

Segundo Virosta (1994), citado por Calegari⁹, *“o tchoukball é uma adaptação do handebol criada com a intenção de praticar um jogo desportivo em que se diminua ao máximo as causas dos conflitos interpessoais”*.

Uma outra tentativa de definição para o esporte coloca que ele “[...] é caracterizado pela eliminação de todas as formas de agressões corporais entre os adversários”¹⁰.

A ausência de contato físico no esporte ocorre de fato, devido principalmente ao respaldo das regras, que não o permitem de maneira alguma. Já a noção de ausência de violência nos parece muito mais ampla. Além de relativa às regras, evidentemente, pode ser avaliada também como dependente em maior escala da forma como os jogadores encaram a atividade esportiva, ou seja, da atitude de seus praticantes.

E é nesse ponto que é ressaltada a importância da figura do profissional da Educação Física ou dos demais envolvidos no seu ensino, que a priori são as pessoas encarregadas de apresentar o tchoukball aos novos praticantes. Na escola, no clube ou na praça esportiva, eles serão os responsáveis por passar os primeiros valores para a compreensão do esporte e toda a cultura de não-violência presente na sua história e na chamada “Carta do Tchoukball”¹¹, documento presente desde a invenção e que deveria ditar os rumos para a promoção do esporte conforme as motivações e idéias de seu criador.

⁹ Julio Calegari é tido como fonte bastante fiel de informações por toda a comunidade que vive o tchoukball, não apenas no Brasil. Ambas as citações atribuídas a ele nessa página foram extraídas de um trabalho, não publicado, realizado por ele durante seu curso superior.

¹⁰ Informação retirada do texto “O que é o Tchoukball?”, da página www.tchoukbrasil.hpgvip.com.br, sem autor.

¹¹ Ver íntegra da Carta do Tchoukball no anexo B.

Segundo Volonté (2004)¹², ao comentá-la, “[...] é uma carta ética que proporciona um espírito especial ao jogo”, em uma a idéia que superaria em profundidade o conceito conhecido popularmente como “fair play”.

Ainda sobre a Carta do Tchoukball, Volonté (2004), ao agrupar e incluir-se entre os difusores e representantes da modalidade nos diversos países em que ela é desenvolvida, acredita ainda que “[...] se nós estivermos aptos a manter esse espírito no futuro, quando o tchoukball for mais popular, então ele será o melhor esporte do mundo”, numa demonstração explícita da total dedicação e paixão desses profissionais pela modalidade.

Girardin (2004)¹³, reforçando todo o mito que envolve esse documento, bastante citado nos discursos dos líderes mundiais, ao mesmo tempo em que tece sua crítica, considerando que tais idéias estariam em desuso atualmente, comenta a abordagem comandada por ele nos encontros norte-americanos, garantindo que “*nossos eventos têm foco na amizade e na recreação de jogar juntos (não é registrado o placar e não são elaborados ‘rankings’), com o espírito da Carta em nossa mente*”, julgando tratar-se de exceção à atual tendência internacional de torná-lo tão competitivo quanto os demais esportes.

Girardin (2004) coloca em dúvida o momento atual do esporte no âmbito internacional, no que se refere aos valores priorizados, quando comparados aos propostos inicialmente pelo seu inventor, mencionando que:

“Hoje, os eventos internacionais da FITB são focados na criação de ‘campeões’ [...] quando o jogo foi inventado com o propósito de dar uma

¹² Chiara Volonté é presidente da Federação Italiana de Tchoukball, técnica da seleção nacional, e respeitada líder na difusão mundial, reconhecida pela Federação Internacional de Tchoukball, tendo apresentado as citações contidas nessa página em resposta ao questionário proposto pelo pesquisador, cuja metodologia está detalhada no capítulo 4, documento naturalmente não publicado anteriormente. Para maiores detalhes da declaração, ver anexo D, em inglês.

¹³ Pierre-Alain Girardin, suíço, é o grande responsável pela promoção do tchoukball nos Estados Unidos, e realiza anualmente um evento conhecido em sua região como Festival Internacional de Tchoukball. Suas citações também foram retiradas das respostas do questionário enviado pelo pesquisador. Para maiores detalhes da declaração, ver anexo D, em inglês.

oportunidade ao maior número de indivíduos de acessar a Educação Física em um conceito social [...]. Atualmente, absolutamente nada faz com que o tchoukball esteja à parte dos outros esportes nem tão especial com esse tipo de 'competições' [...]"

Andrews (2004)¹⁴ parece concordar com essa opinião, enfatizando que *“infelizmente um número de pessoas desenvolvendo o jogo atualmente não entendem o que faz uma diferença especial, e estão empurrando o tchoukball para a elite normal do modelo dos campeonatos”*.

Os valores sociais propostos pelo inventor Brandt e por alguns dos difusores poderão permear as atitudes dos praticantes futuramente, apesar de eles já virem entremeados pelos valores aprendidos na iniciação aos demais esportes que, muitas vezes, resumem-se à busca da vitória a qualquer preço, e também estarem expostos a uma abordagem menos centrada nos conceitos originais. Dependerá bastante da forma como serão doutrinados os futuros multiplicadores dos conhecimentos acerca do tchoukball.

Durante as apresentações do Torneio Mundial da Inglaterra, em 2002, ocorreram situações de grande tensão, principalmente nos jogos decisivos. Na partida envolvendo Inglaterra e Taiwan, os jogadores ingleses pareciam demonstrar, por algumas vezes, desequilíbrio emocional significativo, possivelmente provocado pelas derrotas anteriores, ainda agravadas pela forma tranqüila de os chineses conseguiram a vitória, apesar de o placar não apontar grande diferença de pontos. Provavelmente jogando com o máximo esforço possível, com conseqüentes desgastes físico e emocional ao longo da partida, a Inglaterra chegou a permanecer na frente boa parte do jogo, porém sem a equipe adversária aparentar preocupação.

¹⁴ John Andrews foi presidente da Federação Internacional de Tchoukball (FITB) durante 16 anos, período no qual realizou contatos e cursos em 35 países. Atualmente é presidente de honra e consultor internacional da FITB. Também foi presidente da Associação Britânica durante 12 anos, tendo sido o primeiro a levar um par de quadros de remissão para a Inglaterra.

Nos momentos decisivos, ocorreu a reviravolta esperada pela torcida declaradamente a favor dos chineses e a mudança no placar, sem que eles demonstrassem grande sacrifício ou esboçassem qualquer mudança de comportamento, em uma atitude que poderia ser encarada como irritante pelos opositores impotentes diante da supremacia absoluta da equipe adversária. Uma espécie de violência psicológica. Involuntariamente, sorrindo, pareceram gerar uma revolta em alguns integrantes da equipe inglesa, que passam a demonstrar reações de descontrole emocional em sucessivas reclamações entre eles, em relação à arbitragem, ou até em relação a si próprios, com cobranças fortes por um desempenho superior ao dos chineses, até os dias atuais tido como impossível por grande parte das pessoas que assistiram aos jogos.

Na partida envolvendo Brasil e Itália nessa mesma competição, que acabou sendo vencida pelo Brasil, e que na ocasião poderia decidir quem não ficaria na última colocação da competição, momentos de nervosismo também ocorreram, graças a uma rivalidade surgida no mundial anterior, na Suíça em 2000, quando a Itália acabou vencendo o Brasil e ficando com a quarta posição, também em jogo dramático.

Conforme dito anteriormente, a presença ou não da violência depende da forma como é encarada a participação nos mundiais ou em qualquer outra partida.

Em mais um exemplo, em um jogo amistoso entre os alunos da Educação Física da Unicamp (alguns deles haviam tomado conhecimento das regras momentos antes de partida começar) e um combinado de amigos que joga tchoukball há muito mais tempo em São Paulo (alguns deles membros da seleção brasileira), o primeiro set foi extremamente equilibrado e, surpreendentemente, acabou sendo vencido pelos jogadores de Campinas, provavelmente pela grande experiência de alguns deles em outros esportes como o basquetebol, voleibol, handebol e até mesmo futebol.

Apesar de os jogadores de São Paulo jogarem tchoukball há mais tempo, a maioria não havia sido anteriormente praticante assídua de outros esportes. As experiências acumuladas pelos alunos da Unicamp pareceram importantes para que conseguissem equilibrar a partida e até vencer um set em uma modalidade nova. Nesse momento, também houve demonstrações de tensão, que poderiam ser agravadas caso o jogo fosse oficial.



Figura 9: Reprodução posterior de uma jogada inédita, que resultou em ponto do ataque, criada por um recém-praticante da Faculdade de Educação Física da Unicamp, com repertório motor rico de outras modalidades e que surpreendeu aos defensores da equipe de São Paulo, mais experiente e base da seleção brasileira, em partida amistosa.

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

O maior repertório de movimentos e habilidades, assim como uma facilidade maior de entender uma nova situação-problema e gerar soluções em pouco tempo (até mesmo durante a própria partida), parecem contribuir para um melhor entendimento global, rápida percepção da essência do esporte e dos objetivos que estão presentes nas diversas situações de jogo, favorecendo assim uma performance satisfatória, mesmo que num primeiro momento.

Apesar da boa qualidade de jogo já no primeiro dia, depois de alguns instantes de adaptação, os jogadores oriundos de outras modalidades trazem consigo os valores aprendidos nessas vivências, e possivelmente não aceitariam pacificamente a derrota

(que ocorreu posteriormente) diante de alguma atitude tida como desrespeitosa, de desprezo ou de presumida superioridade.

Fato semelhante também ocorreu no Torneio Paulista de 2003, realizado em Jundiaí-SP, com apoio da Prefeitura Municipal, no jogo entre duas equipes de São Paulo, Esperanto e Real, que reuniram boa parte dos jogadores que participaram das seleções nacionais nos torneios mundiais nos quais o Brasil esteve presente (Suíça, 2000 e Inglaterra, 2002), quando demonstraram grande tensão, numa espécie de duelo emocional, ficando clara a rivalidade presente entre eles, e que pode se agravar ao longo do tempo e da realização de novas competições. O mesmo ocorreu na Taça São Paulo, em 2004, envolvendo mais especificamente, dois jogadores de duas equipes já consideradas rivais.

Ouvrard (2004)¹⁵ nos dá um depoimento interessante acerca do estágio atual da promoção do tchoukball na França, mesmo depois da formação da Associação Nacional naquele país, relatando que *“infelizmente o desenvolvimento do tchoukball na França desde então tem sido seriamente interrompido por vaidades individuais, rivalidade entre cidades, brigas entre regiões [...]”*.

No âmbito internacional ou mais caseiro, com a popularização do esporte e conseqüente surgimento de competições mais freqüentemente, e as idéias comuns à sociedade atual, principalmente a esportiva, parece ficar evidente que não tardará em multiplicarem-se os sentimentos de rivalidade entre certas equipes. Ela pode favorecer a ocorrência de momentos de conflito entre jogadores de equipes adversárias ou mesmo companheiros de time.

Hoje, ainda parecem distantes cenas de violência explícita, mas na luta incessante pela conquista do título, que notadamente enche de glória a equipe vencedora, e

¹⁵ Ghislaine Ouvrard é francesa, membro do quadro da FITB, tendo dado suporte durante 14 anos aos trabalhos do marido, John Andrews, à frente dessa instituição. É mestre em Administração Esportiva pela Universidade de Poitiers (França), tendo apresentado cursos e palestras sobre tchoukball na França, Suíça e Brasil.

diante de situações desgastantes como as relatadas, poderemos chegar à situação de uma atitude de um jogador ao comemorar um ponto decisivo seja mal absorvida por outro. Ou ainda o resultado de uma partida gere sentimentos fortes de inconformismo em alguns, resultando em atitudes de violentas, assim como também ocorre em muitos outros esportes coletivos, apesar de nenhum deles permiti-la em seus regulamentos. Uma possibilidade difícil de ser controlada pelas pessoas engajadas na difusão, e que contraria as premissas do “Esporte da Paz”.

Um último ponto a ser discutido nesse capítulo é a idéia comum de ser necessária a **colocação de todas as regras**, em todas as suas minúcias, logo num primeiro momento e insistir na importância em se “praticar corretamente”, como se a presença de todas as regras fosse garantia de um bom entendimento do esporte.

O futebol, por exemplo, fenômeno cultural de nosso país, não é praticado nas ruas ou nas peladas com todas as regras. Joga-se muito bem o esporte, mas pouquíssimas pessoas conhecem a fundo cada detalhe de sua regulamentação, o que não compromete uma prática bem elaborada.

A colocação de regras pode ser feita de forma gradual, à medida que a compreensão do grupo sobre o jogo vá amadurecendo, conforme familiaridade crescente com as regras colocadas nos vários estágios de aprendizagem. Essa proposta em nada compromete a dinâmica do esporte.

Tanto um impedimento, no futebol, muitas vezes preterido convenientemente nos jogos envolvendo crianças, assim como uma passada a mais dada por uma delas em um arremesso de tchoukball podem não prejudicar significativamente a caracterização da modalidade, pois se tratam de detalhes bastante avançados para a assimilação infantil ou inicial. Fato a ser pensado pelos futuros difusores, principalmente tratando-se de profissionais de Educação Física.

CAPÍTULO 4: **METODOLOGIA**

Inicialmente planejada para ser uma **revisão bibliográfica**, a metodologia do trabalho mostrou-se relativamente complicada, pois, como já mencionado, há uma carência de publicações que discutam esse tema que, quando resumidas às nacionais, beiram a ausência total, fator que incentivou e justificou a utilização majoritária de informações oriundas de algumas poucas, porém significativas, páginas na internet que tratam do tchoukball, complementadas por declarações dos envolvidos há bastante tempo com a modalidade como principais fontes de referências para essa monografia.

Essa foi uma forma de agregarmos opiniões relevantes, que podem contribuir para uma construção teórica para a modalidade, pois todas as pessoas abordadas puderam presenciar experiências relevantes, sejam elas no contexto competitivo ou organizacional/administrativo, além de estarem envolvidas com ela há anos.

A estratégia adotada foi utilizar-se de uma **pesquisa qualitativa** orientada por uma abordagem pautada na chamada **pesquisa-ação**, um tipo de pesquisa social com base empírica e que pressupõe a participação do pesquisador como um verdadeiro agente do processo, buscando refletir sobre e modificar a realidade encontrada anteriormente à sua realização.

Segundo Thiollent (1994, p. 15), “[...] *toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária*”.

Grabauska e Bastos (2001, p. 15), ao tentarem caracterizar a pesquisa-ação, entendem que “[...] *como concepção de investigação científica, pode potencializar os seres humanos a interpretar a realidade a partir de suas próprias práticas, concepções e valores,*

projetando novas ações”, valorizando a experiência do pesquisador na construção de uma proposta de modificação da situação vigente.

Freire (1983 apud GRABAUSKA; BASTOS, 2001, p. 10) reforça a importância da pesquisa e de seu aproveitamento posterior, dizendo que “[...] *deve servir de guia para o conhecimento e possível transformação da realidade*”, alertando para aquele que talvez seja o principal objetivo da pesquisa-ação.

Mion e Bastos (2001, p. 31), na tentativa de orientar a atuação dos pesquisadores seguidores da investigação-ação, avaliam que devemos buscar “[...] *direcionar a nossa ação para a conscientização dos envolvidos e sempre tendo em mente conhecer a realidade para transformá-la*”.

Resumindo a definição da abordagem selecionada para nossa metodologia, e, de maneira geral, sintetizando as nossas expectativas e aspirações, Thiollent (1994, p. 16) coloca que:

“Em geral, a idéia da pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a ‘dizer’ e a ‘fazer’. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

4.1. Questionários

Os anteriormente referidos pontos de vista foram colhidos por meio de dois questionários, enviados por mensagem eletrônica, aplicados a grupos distintos: um que contém jogadores e praticantes com alguma experiência em competições, e outro contido por

representantes do tchoukball em algumas partes do mundo, ou seja, pessoas que de alguma forma estão envolvidas com sua prática.

“Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (LAKATOS; MARCONI, p. 201)

Buscávamos métodos que pudessem contribuir com um levantamento estatístico dos principais valores presentes na modalidade, e quais caminhos ela percorreu até chegar à situação atual, que pudessem vir a ser utilizados como referências para uma possível estratégia de desenvolvimento para o esporte.

Minayo (1997, p. 22), salienta que *“o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”*.

Assim, foi feita a opção por criar dois roteiros diferentes de perguntas: um para as pessoas vinculadas a outras regiões (sejam elas outros países ou estados do Brasil) e que, de certa forma, são responsáveis pela difusão nesses centros; e outro para os que praticam há algum tempo, ou para aqueles que vieram a se interessar mais recentemente pela sua difusão, desde que houvessem participado de algum evento competitivo. As justificativas para tal diferenciação apresentam-se na finalidade também distinta da abordagem a esses dois grupos.

Thiollent (1994, p. 97), ao sugerir a desnecessidade de uma abordagem sobre grupos numerosos, ressalta que o pesquisador deve *“[...] agir com o conjunto da população implicada na situação-problema, quando isto é factível, ou com uma amostra intencional, cuja representatividade é sobretudo de ordem qualitativa”*.

Aos representantes de regiões, assim reconhecidos pela comunidade do tchoukball (embora muitos deles não possuam cargo oficial), a ênfase foi colocada nas estratégias para sua difusão, assim como nas suas concepções e sugestões para o desenvolvimento em outros territórios.

O objetivo específico para esse grupo foi tentar identificar e registrar os trajetos seguidos pela modalidade nessas regiões, no Brasil e no mundo, e, de alguma forma, permitir que nos apropriemos de algumas de suas experiências bem sucedidas para a construção de um caminho para uma cidade ou o estado de São Paulo¹⁶.

Já para o segundo grupo, algumas questões do anterior foram repetidas e outras formuladas, de maneira a tentar localizar os motivos que despertaram maior interesse para que seguissem praticando, ou seja, os principais valores presentes na modalidade, sob o olhar dos que a praticam. Em relação a esse último interesse, foi construída uma questão de múltipla escolha, com escala de valores a ser selecionada pelo entrevistado.

Assim, destacam-se alguns aspectos que podem ser enfatizados durante uma apresentação para novos praticantes, por exemplo, ou em alguma outra ação de divulgação.

Conforme Lakatos e Marconi (1995, p. 207), *“a combinação de respostas de múltipla escolha com as respostas abertas possibilita mais informações sobre o assunto, sem prejudicar a tabulação”*.

Os grupos pesquisados e os roteiros de perguntas apresentados foram os seguintes:

Primeiro Grupo:

Público-alvo: representantes de algumas regiões do Brasil e do mundo que fazem parte da difusão e implementação do tchoukball nesses locais.

¹⁶ A íntegra das respostas dos estrangeiros pode ser consultada em inglês no anexo D, página 80.

1. Dados pessoais:
 - a. Nome completo:
 - b. Data de nascimento:
 - c. E-mail:
 - d. Região em que mora:
 - e. Formação acadêmica / atividade profissional principal:
2. Quando e como teve seus primeiros contatos com o tchoukball?
3. Por que escolheu se dedicar ao tchoukball? Quais eram suas expectativas?
4. Como está envolvido atualmente com a modalidade? Qual sua participação?
5. Na sua opinião, qual a principal qualidade presente no esporte que o torna especial, diferente dos demais?
6. Quais foram os primeiros passos ou estratégias para difusão do tchoukball em seu país?
7. Qual é a situação atual do esporte em seu país? Quais atividades ou eventos acontecem com frequência?
8. Quais são suas expectativas ou qual espera ser o próximo passo do esporte em seu país?
9. Quais deveriam ser os primeiros passos para uma cidade começar a desenvolver o tchoukball? Que procedimentos adotar inicialmente para torná-lo mais conhecido?

Como a grande maioria dos entrevistados desse grupo era estrangeira, de diversas nacionalidades, as questões foram traduzidas, e foram enviadas a eles na seguinte versão, em inglês:

1. Personal information:
 - a) Surname / last name:
 - b) Date of birth:

- c) E-mail:
 - d) Home country:
 - e) Academic graduation:
 - f) Main occupation:
2. When and how did you start playing tchoukball?
 3. Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first?
 4. What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation?
 5. In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special?
 6. Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country?
 7. How is the development stage of tchoukball now a days in your country? Are there some important regular events?
 8. What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? Which will be the next steps?
 9. What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular?

Segundo Grupo:

Público-alvo: 18 praticantes de tchoukball há algum tempo, com razoável experiência, e que necessariamente tivessem disputado alguma competição, que representam parte da elite dos jogadores no país.

1. Dados pessoais:
 - a. Nome completo:
 - b. Data de nascimento:

- c. E-mail:
 - d. Região em que mora:
 - e. Formação acadêmica / atividade profissional:
2. Quando e como teve seus primeiros contatos com o tchoukball?
 3. Descreva resumidamente sua experiência com a modalidade (competições, eventos e atividades que participou ou costuma participar).
 4. Além de jogando, de que forma acredita poder contribuir com a difusão do tchoukball?
 5. Na sua opinião, qual a principal qualidade presente no esporte que o torna especial, diferente dos demais?
 6. Avalie a importância dos motivos (a seguir) que o levam a praticar o tchoukball, classificando TODOS de acordo com a escala abaixo, além de citar outros que julgar significativos:

1 – MUITO IMPORTANTE

2 – RAZOÁVEL IMPORTÂNCIA

3 – SEM IMPORTÂNCIA

- () por ser um esporte sem violência.
- () por achar o tchoukball uma atividade agradável ou prazerosa.
- () por amigos ou conhecidos meus também praticarem, sendo uma forma de interagir mais com eles e reforçar nossa amizade.
- () por ser mais fácil fazer parte do grupo dos melhores, uma vez que é pequeno o número de praticantes.
- () por ser uma modalidade diferente, que poucas pessoas praticam, o que também me torna diferente.

- () por praticar uma atividade física, e assim me manter em forma ou me sentir mais saudável.
- () por ter prazer pela competição esportiva.
- () por achar o tchoukball mais fácil de jogar do que outras modalidades.
- () por acreditar ter menor possibilidade de me machucar, em razão da ausência de contato físico.
- () por querer fazer parte da seleção brasileira, quando houver competições internacionais.
- () por querer colaborar na difusão do esporte.
- () por poder enriquecer meu repertório de conhecimentos e habilidades.
- () por outro motivo (especificar):

.....

CAPÍTULO 5: **ANÁLISE DOS DADOS E REFLEXÕES**

Avaliando as questões propostas, reproduzimos aqui alguns dos dados obtidos:

Quanto à faixa etária, a média de idade obtida foi de 24,2 anos, que pode representar o perfil dos praticantes que costuma levar adiante a prática do tchoukball. Foi identificado tempo médio de conhecimento do esporte e, por assim dizer, também de prática: 4,2 anos, em média.

Como pré-requisito, todos os entrevistados possuíam alguma experiência competitiva. Mais especificamente, de acordo com a tabela abaixo:

Entrevistados participantes	%	Competição	Ano	Local
6	33,3	Festival Internacional	2000	Genebra (Suíça)
7	38,9	Torneio Mundial	2002	Loughborough (Inglaterra)
17	94,4	Torneio Paulista	2003	Jundiaí-SP
3	16,7	Taça Brasil	2004	Pato Branco-PR
11	61,1	Taça São Paulo	2004	São Paulo-SP

Tabela 1: Percentual de participação dos entrevistados nas competições mais significativas de tchoukball ocorridas nos últimos anos.

Fonte: questionário aplicado pelo pesquisador.

Quanto ao local em que tomaram conhecimento da existência desse esporte, um dado bastante significativo: sete jogaram pela primeira vez na escola em que estudavam (ensino médio), ou 41,2%; outros oito se familiarizaram com ele na universidade que frequentavam, ou 44,4%, sendo que todos esses cursavam Educação Física.

Essa pode representar uma preciosa informação sobre os locais mais indicados para se conseguir desenvolver a modalidade de maneira efetiva e despertar

realmente o interesse do público. Pode ser dito que 85,6% dos entrevistados conheceram o tchoukball em ambiente educacional. Isso não quer dizer que muitas outras pessoas, não abordadas na amostra, não possam tê-lo visto inicialmente em outros meios, porém não representam a maioria dos que continuaram a praticá-lo.

Volonté (2004), principal responsável pelo desenvolvimento do esporte na Itália desde 1996 e também professora de Educação Física, ao justificar o seu envolvimento e engajamento, afirma que, de início, tinha a expectativa de *“introduzir e difundir o tchoukball como um jogo escolar”*.

Ouvrard (2004)¹⁷ também entendeu, quando perguntada sobre os motivos pelos quais decidiu envolver-se inicialmente com o tchoukball, respondeu prontamente que estava *“convencida do potencial social e educacional deste esporte”*.

Um trabalho contínuo realizado no contexto escolar de uma cidade, a partir da sétima ou oitava série, prosseguindo no ensino médio, poderiam fazê-la tornar-se uma referência nacional na modalidade rapidamente, uma vez que ainda não há muitos trabalhos desse tipo no país.

Os jovens que vivenciam o esporte pela primeira vez, com base nas inúmeras apresentações realizadas até hoje, não apenas na escola, tendem a se interessar bastante pela sua prática. Porém, de uma forma geral, não há prosseguimento nos trabalhos.

Reforçando essa tese, pesquisa realizada por Bacellar (2000, p. 36), na qual abordou 233 alunos de escolas particulares e públicas de Curitiba-PR, mostrou que 40% dos alunos disseram que o esporte é muito interessante, 37% acharam interessante, 13% assinalaram regular, 8% pouco interessante e 2% não responderam. Em outras palavras, 77%

¹⁷ Em resposta enviada via mensagem eletrônica ao questionário proposto pelo pesquisador. Para outras informações sobre Ghislaine Ouvrard ver nota na página 37.

dos entrevistados consideraram a novidade interessante ou muito interessante, que pode representar um índice bastante significativo.

Para que sua inclusão na escola ocorra efetivamente, parece imprescindível o envolvimento dos professores de Educação Física, de maneira que possam multiplicar a difusão de forma eficaz, e que o tchoukball possa figurar como conteúdo de suas aulas.

De acordo com a maioria das respostas do primeiro grupo, dos representantes internacionais, parece haver em toda a comunidade tchoukbolista mundial a certeza de que capacitar os profissionais de Educação Física é uma das formas mais eficazes de facilitar sua promoção.

Beaulé¹⁸ (2004) relata que, há cinco anos, ao ser consultado pelo então presidente da Federação Internacional de Tchoukball para formar uma equipe em seu país para disputar o Mundial de 2002, na Inglaterra, pensou que:

"[...] a melhor forma para promover o tchoukball era estabelecer contato com os professores de Educação Física da minha região (Montreal), então de meu distrito (Quebec) e agora no resto do Canadá. Em Quebec, os professores de Educação Física têm acesso a 'workshops' onde eles podem estudar novas formas de ensino da Educação Física, novos jogos, novos materiais. Eu decidi contatar as pessoas envolvidas nesses 'workshops' e ofereci a eles comparecer e apresentar o tchoukball nessas sessões".

Huang¹⁹ (2004) corrobora a opinião do canadense ao ser questionado sobre os primeiros passos para a disseminação do esporte em seu país, Taiwan, uma das grandes potências nos Mundiais, ao revelar que foi *"ensinar os professores a descobrir o tchoukball e promovê-lo na escola"*.

¹⁸ Marc Beaulé é o atual presidente da Associação Canadense de Tchoukball (CTBA) e introdutor da modalidade naquele país, além de também ser professor de Educação Física. A citação foi originalmente escrita em inglês, em resposta ao questionário enviado pelo pesquisador.

¹⁹ Chris Huang é o responsável pela difusão na Ásia e principalmente em Taiwan, presidente da Associação de Tchoukball da República da China (ROCTBA), tendo coordenado a organização do Torneio Mundial de 2004, realizado naquele país, vencido pela Suíça, e do qual o Brasil não participou pela primeira vez. Citação escrita em inglês originalmente em inglês, em resposta ao questionário proposto pelo pesquisador.

Para que seja possível a implantação do tchoukball nas escolas, pode ser necessária uma política que proporcione aos quem desejarem se dedicar à sua promoção um acesso mais fácil ao material específico, composto basicamente pelos quadros de remissão. Partes que os compõem são importadas, e praticamente inexistem companhias que atuem especificamente na sua fabricação. Os que conseguiram deter conhecimentos necessários para produzi-los não parecem dispostos a dividir informações com os demais, provavelmente vislumbrando a possibilidade de conseguir lucro, caso o esporte venha a se desenvolver.

Referimo-nos àqueles profissionais, geralmente da área de Educação Física, que se interessam pela modalidade, e que, infelizmente, não conseguem custear a aquisição do equipamento. Boa parte das vezes, trabalham sozinhos, autônomos, e não têm uma instituição por trás para dar suporte financeiro.

No contexto de um clube, escola ou qualquer outra instituição, o investimento não é relevante, porém para os prestadores de serviço o aporte inicial é alto, o que parece prejudicar a entrada de novos profissionais nesse ramo esportivo. É difícil imaginar que quaisquer dessas instituições possam ser atraídas pela idéia de investir em um novo projeto sem que haja uma demonstração ou uma experimentação temporária.

Também não é tão fácil improvisar os quadros com outros instrumentos, assim como ocorre no futebol ou no voleibol, por exemplo, atividades nas quais barbantes ou chinelos podem substituir com razoável eficácia a rede ou as traves em um contexto recreativo, que é uma abordagem possível, principalmente na escola.

Essa é uma das prováveis justificativas para o baixo número de colaboradores na árdua tarefa de divulgar o esporte. Ferreira (2004)²⁰, ao ser perguntado sobre algumas iniciativas para sua implementação em uma nova cidade, entende que é necessário

²⁰ Em resposta enviada por mensagem eletrônica ao questionário proposto ao grupo dos difusores de algumas regiões do Brasil e do mundo. Para outras informações sobre Océlio Ferreira, ver nota na página 26.

“elaborar um projeto de massificação desse esporte e realizar eventos regularmente. E paralelamente capacitar técnica e pedagogicamente as pessoas que demonstrarem interesse pelo tchoukball”.

“A chave para o desenvolvimento é encontrar pessoas convencidas, dar a elas apoio financeiro, e ter quadros prontamente disponíveis a um preço competitivo” (ANDREWS, 2004)²¹.

Parece desejável que a idéia de uma criação de política efetiva de disseminação do tchoukball seja colocada em prática, que permita privilegiar aos possíveis multiplicadores, tornando o preço dos quadros mais acessível a eles. Após certo tempo de dedicação, provavelmente conseguiriam trazer retorno, até mesmo financeiro, ao conquistar instituições que possam pagar pela aquisição do novo material, além de colaborar no incremento do número de envolvidos nessa causa. Evidentemente, para esse segmento, de clubes, escolas, prefeituras e até academias, poderia ser cobrado valor maior, que compensasse o subsídio concedido aos difusores individuais.

Um aspecto bastante interessante percebido na realização da pesquisa referiu-se à pergunta que solicitou a opinião do entrevistado sobre a principal qualidade presente no esporte que o tornaria especial, diferente dos demais. Sem sugestão de espécie alguma, espontaneamente, 11 praticantes mencionaram a questão da ausência de contato físico, violência ou agressividade, que representam 61,1% do total de respostas, que pode evidenciar uma provável virtude fundamental do tchoukball.

A questão territorial peculiar, ou o fato de não haver briga pelo espaço foi citado uma vez, assim como a impossibilidade de marcação direta, características que podem

²¹ Resposta por e-mail, cuja versões completas podem ser consultadas no anexo D, na página 80.

ser consideradas conseqüências da mais votada. Se aceitássemos como sendo idéias correlacionadas, o percentual de respostas poderia subir para 72,2%.

“O tchoukball garante um fácil controle da bola sem marcação direta do jogador, preservando o momento de cada atleta com a bola, sem deixar de ser estimulante e perder a competitividade” (UHLE, 2004)²².

Colocando a imposição pela regra da ausência de contato corporal como justificativa, Almeida (2004)²³ acredita que essa particularidade “[...] faz com que as pessoas respeitem o limite do outro, não invadindo o seu espaço [...]”, entendendo que o respeito ao espaço alheio é cada vez mais incomum na sociedade atual, notadamente competitiva.

Na mesma pesquisa mencionada anteriormente, realizada por Bacellar (2000, p. 37), uma das perguntas, aberta, foi formulada de maneira a identificar os principais pontos positivos do tchoukball.

As duas características mais citadas foram: “não apresenta aspectos de violência”, por 39,9% dos entrevistados, e “não permite contato físico”, por 17,2% dos estudantes, que são muito parecidas e ligadas ao caráter pacífico da modalidade. Ou seja, se adicionássemos as respostas, chegaríamos ao índice de 57,1% delas dizendo respeito à ausência de violência ou contato físico entre os praticantes como principal aspecto positivo do esporte, fortalecendo o resultado obtido em nossa pesquisa.

Com aparecimento importante estatisticamente ficou uma propriedade bastante particular do tchoukball: a possibilidade de se atacar e defender as duas metas ou os dois lados da quadra, inexistindo campos ofensivo e defensivo pré-determinados, propriedade

²² Eduardo Roberto Uhle é formado em Educação Física pela Unicamp, tendo participado de algumas apresentações e do Torneio Paulista de Jundiaí, em 2003, como jogador, além de apresentar a modalidade aos alunos do Colégio Objetivo, em Campinas. A citação foi retirada das respostas ao questionário proposto pelo pesquisador, enviadas via mensagem eletrônica.

²³ Alexandre do Vale Almeida também é professor de Educação Física, formado pela Unicamp, tendo participado de algumas apresentações, do Paulista 2003 e da Taça São Paulo 2004, como jogador. Citação retirada de uma das respostas contidas no referido questionário.

relacionada sempre ao dinamismo que isso confere ao jogo, com 33,3%. Acreditamos tratar-se de um dos poucos esportes coletivos que apresentam essa qualidade.

Podemos citar a possibilidade de se jogar juntos pessoas diferentes, como homens e mulheres, jovens e adultos, com 22,2%, contrariando argumentos apresentados no capítulo três; e ainda o limite de passes, com 11,1%, encerrando nossa análise acerca da questão espontânea que investiga a principal qualidade presente no esporte.

A essência e provavelmente o principal objetivo da formulação das entrevistas foi tentar entender e identificar os verdadeiros motivos que levam algumas pessoas que tomaram contato com o tchoukball a se identificarem com ele e seguirem praticando, participando inclusive de eventos competitivos importantes, contido na pergunta seis, na qual foram colocadas 12 justificativas sugeridas, e uma aberta – “outro motivo: especificar” – essa última praticamente ignorada pelos entrevistados, nas quais deveria ser estabelecido um nível de importância para cada uma delas.

Entre as opções tidas como *Muito Importantes* destacam-se “por poder enriquecer meu repertório de conhecimentos e habilidades”, com 77,8% das opiniões; “por ser um esporte sem violência”, com 61,1%; e três delas com 50% de aparecimento: “por achar o tchoukball uma atividade agradável ou prazerosa”, “por ter prazer pela competição esportiva”, e “por querer colaborar na difusão do esporte”, esse último item especialmente avaliado, uma vez que é desejável encontrar pessoas que queiram partilhar da difícil missão de promover uma modalidade praticamente desconhecida do público.

Com 44%, “por amigos ou conhecidos meus também praticarem, sendo uma forma de interagir mais com eles e reforçar nossa amizade”. E ainda: “por praticar uma atividade física, e assim me manter em forma ou me sentir mais saudável” (33,3%); “por querer fazer parte da seleção brasileira, quando houver competições internacionais” (27,8%); “por ser uma modalidade diferente, que poucas pessoas praticam, o que também me torna

diferente” (16,7%); “por acreditar ter menor possibilidade de me machucar, em razão da ausência de contato físico” (11,1%); e, não citados como muito importantes, “por ser mais fácil fazer parte do grupo dos melhores, uma vez que é pequeno o número de praticantes” e “por achar o tchoukball mais fácil de jogar do que outras modalidades”.

Já entre as opções tidas como de *Razoável Importância*, um equilíbrio enorme para cada um dos motivos. Destacaremos alguns: com 55,6%, “por praticar uma atividade física, e assim me manter em forma...”; seguido de cinco motivos com 50%: “por achar o tchoukball uma atividade agradável ou prazerosa”, “por amigos ou conhecidos meus também praticarem...”, “por acreditar ter menor possibilidade de me machucar...”, “por querer fazer parte da seleção brasileira...” e “por querer colaborar na difusão do esporte” e, com 44%, “por ser uma modalidade diferente, que poucas pessoas praticam...”.

É importante também evidenciarmos quais são os que, certamente, não estão entre os verdadeiros motivos para se praticar tchoukball. Entre os votados como *Sem importância*, há um predomínio absoluto de dois deles: com 83,3%, “por ser mais fácil fazer parte do grupo dos melhores, uma vez que é pequeno o número de praticantes” e, com 77,8%, “por achar o tchoukball mais fácil de jogar do que outras modalidades”. Aparecem ainda, com 38,9% dos votos, os motivos “por ser uma modalidade diferente, que poucas pessoas praticam...” e “por acreditar ter menor possibilidade de me machucar...”.

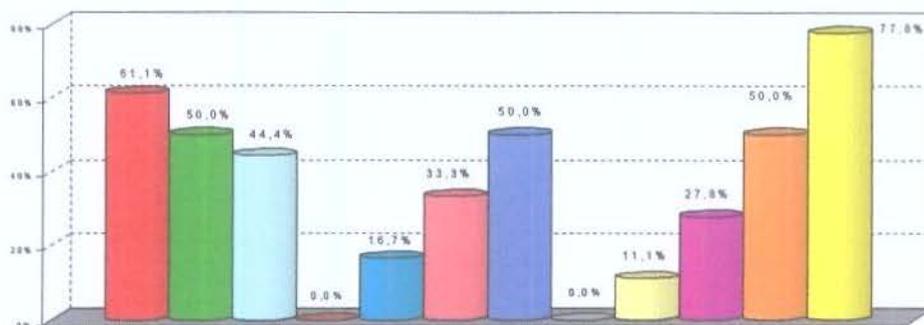
De uma forma mais global e completa, é possível visualizar os resultados estatísticos da pesquisa realizada valendo-se do gráfico construído com todos os motivos, para cada um dos níveis de importância, mostrado na página 55, no qual os motivos aparecem na mesma seqüência proposta no questionário, reproduzida a seguir.

Relação de Motivos²⁴

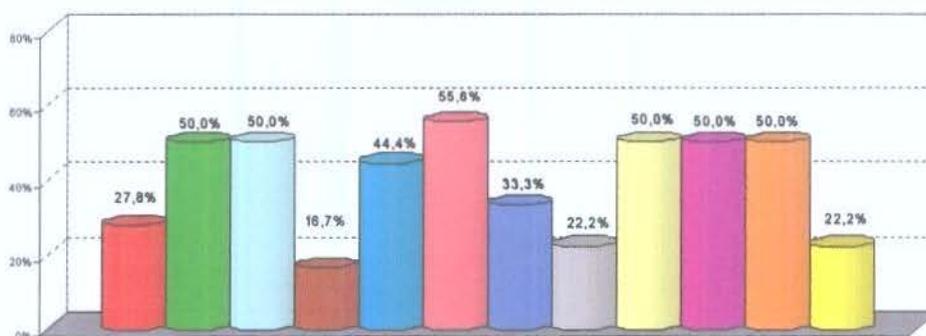
1. por ser um esporte sem violência.
2. por achar o tchoukball uma atividade agradável ou prazerosa.
3. por amigos ou conhecidos meus também praticarem, sendo uma forma de interagir mais com eles e reforçar nossa amizade.
4. por ser mais fácil fazer parte do grupo dos melhores, uma vez que é pequeno o número de praticantes.
5. por ser uma modalidade diferente, que poucas pessoas praticam, o que também me torna diferente.
6. por praticar uma atividade física, e assim me manter em forma ou me sentir mais saudável.
7. por ter prazer pela competição esportiva.
8. por achar o tchoukball mais fácil de jogar do que outras modalidades.
9. por acreditar ter menor possibilidade de me machucar, em razão da ausência de contato físico.
10. por querer fazer parte da seleção brasileira, quando houver competições internacionais.
11. por querer colaborar na difusão do esporte.
12. por poder enriquecer meu repertório de conhecimentos e habilidades.

²⁴ Motivos sugeridos no questionário aplicado pelo pesquisador, cuja estatística de aparecimento nas respostas está na página seguinte, apresentada em gráfico. A seqüência de barras representa a mesma seqüência apresentada nessa página.

Avaliados como MUITO IMPORTANTES



Avaliados como de RAZOÁVEL IMPORTÂNCIA



Avaliados como SEM IMPORTÂNCIA

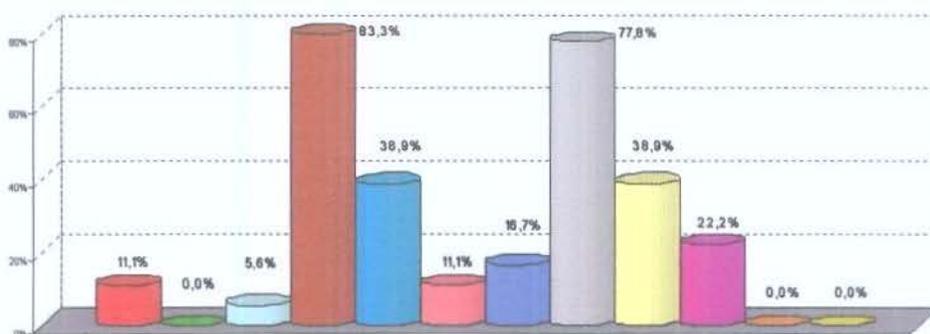


Gráfico 1: percentuais de aparecimento de cada motivo nas respostas, divididos pelo grau de importância dado pelos entrevistados (ver lista de motivos na página anterior).

Fonte: questionário aplicado pelo pesquisador.

CAPÍTULO 6: **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tchoukball é um esporte bastante recente, quando comparado aos esportes mais conhecidos. No Brasil, a história é ainda mais curta, de pouco mais de dez anos, o que faz com que haja muitas possibilidades para a realização de projetos na busca de seu desenvolvimento e, bem mais à frente, de sua popularização. Com o desenrolar desse trabalho, foi possível verificar alguns pontos em que pode ser necessária uma interferência mais breve.

A disponibilidade de quadros de remissão mais baratos para os que tiverem interesse em trabalhar em prol da modalidade é um deles. Poucas pessoas estão envolvidas com ela no país, e aumentar o número de multiplicadores parece imprescindível. Ou seja, construir uma equipe verdadeira de difusão, com planejamento e atuação em regiões específicas, provavelmente a partir e ao redor das que já possuem algum tipo de trabalho iniciado.

Segundo boa parte dos entrevistados estrangeiros, envolver os professores de Educação Física é uma forma segura e rápida de se atingir esse objetivo. Como pôde ser percebido na análise dos dados obtidos com a pesquisa, há um número razoável de profissionais da área que gostariam de colaborar nesse processo, mas que não têm condições de adquirir os quadros.

Provavelmente, essa simpatia cresceu a partir da realização de algumas competições das quais puderam participar recentemente. Se cada uma deles pudesse incluir o tchoukball no conteúdo das aulas e atividades em uma escola ou clube, por exemplo, em pouco tempo poderiam dar suporte para formação de equipes para torneios, de forma a aumentar gradativamente o número de times em cada um deles.

Assim teríamos eventos cada vez mais tradicionais, com nível técnico cada vez melhor também. Tal situação poderia ainda, no médio prazo, colaborar para que uma seleção brasileira mais competitiva fosse formada, assim como ocorreu em outros países.

Num primeiro momento, esse tipo de estratégias pode parecer contrariar as premissas da Carta do Tchoukball, assim como alguns dos entrevistados opinaram. Entretanto, trata-se de uma escolha que cada equipe de trabalho deve fazer, dependendo das circunstâncias específicas do projeto e da cultura local.

Se quisermos que, com o passar do tempo, o esporte se popularize, é difícil imaginar que tal objetivo seja atingido sem passar pela realização de eventos de caráter competitivo, nos quais parte da comunidade esteja envolvida, assim como ocorre nos demais esportes.

Porém, a inclusão de torneios regulares no calendário esportivo de um país, estado, cidade, bairro, etc., realmente não pode ser a única investida de uma administração que visa o desenvolvimento amplo de uma modalidade. Há de se fazer políticas para a outras áreas, sejam elas no contexto recreativo ou educacional, das quais a competição não seja o objetivo principal.

Assim como já ocorre em algumas cidades, apresentações e clínicas em locais públicos para os que gostam de praticar atividades físicas ou buscam uma atividade prazerosa podem ser incrementadas, desde que haja um grupo maior de exibidores. Naturalmente, as pessoas pertencentes a esse público-alvo não buscam tornar-se campeãs ou almejam a conquista de títulos.

No âmbito escolar, a maior adesão de colégios no programa poderia ser ainda mais focada, com uma possível introdução de seu conteúdo nas aulas de Educação Física, enfatizado o caráter educativo e pacífico do esporte. Não é improvável conquistar

espaço, pois os responsáveis pelas atividades costumam vê-lo como benéfico para seus alunos e, no caso das particulares, diferencial de mercado em relação à concorrência.

Restringir a promoção do tchoukball a eventos competitivos frequentes seria simplificá-la demais, mas imaginar o contrário, difundi-lo sem sua realização, também parece não ser a possibilidade mais inteligente e eficaz.

Desde que seja mantido o espírito presente na Carta, dotada de valores como respeito ao adversário e às regras, acima da busca da vitória única e exclusivamente, é possível incentivar sua prática com a presença de campeonatos também, uma vez que o próprio documento menciona situações desse tipo.

De acordo com o perfil dos que praticam o tchoukball com maior regularidade no estado de São Paulo, vimos que a escola e a universidade, principalmente a de Educação Física, são duas alternativas bastante interessantes de se conseguir ampliar as fronteiras do esporte.

As prefeituras costumam estar abertas e dispostas a apoiar projetos como esse, e pode ser uma forma de se conseguir estrutura ampla de professores, oficinas para fabricação dos quadros a um custo baixo, e enorme público praticante. No caso de Jundiaí, em 2003, o projeto resumiu-se a um evento, o Torneio Paulista, e com toda a facilidade do apoio da Prefeitura. Mas é possível ir além e conseguir que o tchoukball seja incluído no conteúdo das aulas de toda a rede de ensino municipal.

Nas universidades, pelo próprio perfil dos estudantes de Educação Física, há um grande interesse em conhecer e praticar novas modalidades, como forma de se manterem atualizados, além da disposição de alguns em se envolver com um projeto distinto dos mais comuns, e se sentir parte fundamental e atuante de um projeto inovador.

De qualquer forma, o desenvolvimento do tchoukball somente se dará com a união das forças das poucas pessoas que atuam no esporte atualmente, que realizam bons trabalhos, porém de forma isolada. Seria interessante a participação de todos, de maneira conjunta, em uma verdadeira proposta coletiva.

As novas idéias deveriam ser colocadas em prática sintonizadas com as demais, de forma complementar, agregando novos integrantes, e possivelmente até com o apoio das entidades representativas do esporte que gerenciam as políticas internacionais, e poderiam dar algum tipo de suporte em nome de seu desenvolvimento.

Tendo respeitadas e valorizadas suas habilidades, facilidades e aptidões, e sendo incentivados e convocados a colaborarem nas tomadas de decisões e na determinação dos rumos do nosso esporte, muitos dos novos colaboradores certamente teriam muito a contribuir para o desenvolvimento de nosso esporte, sentindo-se responsáveis e úteis em determinada área de conhecimento.

Lembrando Thiollent (1994, p. 102):

“A resolução de problemas efetivos se encontra na coletividade e só pode ser levada adiante com a participação de seus membros. Mesmo quando as ‘soluções’ não forem imediatamente aplicáveis no sistema vigente, poderão ser aproveitadas como meio de sensibilização e de tomada de consciência”.

Enfim, é necessário e urgente o planejamento de uma política para o tchoukball, seja ela qual for, de forma democrática e participativa, que vise potencializar o crescimento e o desenvolvimento desse promissor esporte, e de tão nobres princípios.

Está feito o convite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alexandre do Vale. Resposta ao questionário proposto nessa monografia. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 03 out. 2004.
- ANDREWS, John. Resposta ao questionário proposto nessa monografia, reproduzida integralmente no anexo D. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 21 nov. 2004. [Inglaterra].
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TCHOUKBALL (ABTB). Página oficial da entidade, disponível em <www.tchoukbrasil.hpgvip.ig.com.br>. Acesso em 17 nov. 2004. [São Paulo-SP].
- ASSOCIAÇÃO DE TCHOUKBALL DA GRÃ-BRETANHA. Página oficial da entidade, disponível em <www.tchoukball.uk>. Acesso em 13 out. 2004. [Inglaterra].
- ASSOCIAÇÃO SUÍÇA DE TCHOUKBALL. Página oficial da entidade, disponível em <www.tchoukball.ch>. Acesso em 13 out. 2004. [Suíça].
- BACELLAR, Alceu. **Tchoukball na Escola**. 2000. 45p. Monografia (Licenciatura em Educação Física), Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Educação Física. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC). p. 36-37.
- BEAULÉ, Marc. Resposta ao questionário proposto nessa monografia, reproduzida integralmente no anexo D. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 18 nov. 2004. [Canadá].
- BRANDT, Hermann. **Étude Critique Scientifique Dês Sports D'Équipe**. Genève: Editions Roulet, 1971.
- BRANDT, Hermann. **Étude Critique Scientifique Dês Sports D'Équipe: le tchoukball le sport de demain**. Disponível em <www.tchoukball.net/files/ecsse_intro_f.pdf>. Acesso em 30 nov. 2004
- CALEGARI, Julio. [mensagem pessoal]. Mensagem pessoal recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 17 out. 2004.
- FAVRE, Michel. Arquivo enviado, reproduzido integralmente no anexo C. [mensagem pessoal]. Arquivo recebido por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 18 set. 2004. [Suíça].
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TCHOUKBALL (FITB). Página oficial da entidade, disponível em <www.tchoukball.org>. Acesso em 13 out. 2004. [Suíça].
- FERREIRA, Océlio A. Resposta ao questionário proposto nessa monografia. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 19 nov. 2004. [Aracaju-SE].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983 apud GRABAUSSKA, Claiton José; BASTOS, Fábio da Purificação. *Investigação-ação educacional: possibilidade crítica e emancipatórias na prática educativa*. MION, Rejane Aurora; SAITO, Carlos Hiroo (Orgs.). **Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2001. p. 10

GIRARDIN, Pierre-Alain. Resposta ao questionário proposto nessa monografia, reproduzida integralmente no anexo D. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 12 nov. 2004. [Estados Unidos da América].

GRABAUSSKA, Claiton José; BASTOS, Fábio da Purificação. *Investigação-ação educacional: possibilidade crítica e emancipatórias na prática educativa*. MION, Rejane Aurora; SAITO, Carlos Hiroo (Orgs.). **Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2001. p. 9-20.

HUANG, Chin-Cheng. Resposta ao questionário proposto nessa monografia, reproduzida integralmente no anexo D. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 07 nov. 2004. [Taiwan].

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. _____. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

MION, Rejane Aurora; BASTOS, Fábio da Purificação. *Investigação-ação e a concepção de cidadania ativa*. _____.; SAITO, Carlos Hiroo (Orgs.). **Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2001. p. 30-35.

OUVREARD, Ghislaine. Resposta ao questionário proposto nessa monografia, reproduzida integralmente no anexo D. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 21 nov. 2004. [França].

SCHAVALLA, Nelson. Página oficial do professor de Educação Física, disponível em <www.tchoukball.com.br>. Acesso em 10 out. 2004. [Pato Branco-PR].

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994. 108p.

UHLE, Eduardo R. Resposta ao questionário proposto nessa monografia. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 07 out. 2004.

VIROSTA, Alberto. **Deportes Alternativos**. Madrid: Editorial Gymnos, 1994. 200 p.

VOLONTÉ, Chiara. Resposta ao questionário proposto nessa monografia, reproduzida integralmente no anexo D. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dgm.tchoukball@terra.com.br> em 09 nov. 2004. [Itália].

ANEXO A:

REGRAS COMPLETAS

Regra 1 - O campo de jogo:

- 1.1. Recomenda-se uma área retangular de 40x20 metros. Esse retângulo compreende a "área de jogo" e duas "zonas proibidas" (o tamanho mínimo para dois times é de 30x15 metros, porém, recomenda-se diminuir o número de jogadores nesse caso - ver Regra 4.1);
- 1.2. Os lados maiores da área de jogo são as linhas laterais e os lados menores as linhas de fundo. A área de jogo deve ser dividida ao meio por uma linha central paralela às linhas de fundo.
- 1.3. As zonas proibidas são semicirculares com três metros de raio medidos a partir do centro de cada linha de fundo.
- 1.4. A base frontal dos "quadros de remissão" (ver Regra 2) são posicionados no meio da linha de fundo, ficando, conseqüentemente, no meio do diâmetro da zona proibida.
- 1.5. Todas as linhas fazem parte da área que elas contornam. Precisam ser bem visíveis e devem ter 5 centímetros de largura.
- 1.6. Recomenda-se existir uma área livre de 2 metros em torno da área de jogo.
- 1.7. Em áreas cobertas, todos os objetos ou o teto que fiquem acima de 7 metros do solo são considerados fora da área de jogo.

Regra 2 - Os quadros de remissão:

- 2.1. O quadro deve ser metálico, com um metro de comprimento e um metro de largura.
- 2.2. A rede deve ser de fibra sintética, esticada por um cordão "sandow" elástico que será ligado ao quadro metálico por ganchos.
- 2.3. A inclinação entre o quadro e o solo deve ser de 60°.
- 2.4. Os quadros devem ser fixados ao solo de uma maneira que não ofereça perigo aos jogadores.

2.5. O quadro, a rede e a tensão da mesma devem ser oficialmente aprovados pela F.I.T.B.

Regra 3 - A bola:

3.1. A bola deve ser esférica, com câmara de borracha e cobertura de couro, similar a uma bola de handebol.

3.2. A bola masculina deve ter uma circunferência de 58 a 60 centímetros e peso entre 425 e 475 gramas.

3.3. A bola feminina deve ter circunferência entre 54 e 56 centímetros e peso entre 325 e 400 gramas.

3.4. Nos jogos infantis e mistos, deve ser usada a bola feminina.

Regra 4 - Os jogadores:

4.1. Um time pode ter até 15 jogadores, mas para cada jogo, apenas 12 devem ser relacionados, dos quais nove serão titulares e três reservas. Para quadras de 30x15 metros, recomenda-se o uso de sete titulares e cinco reservas.

4.1.1. No mínimo seis jogadores de cada equipe devem estar presentes no início da partida. Novos jogadores poderão ser incluídos (até o máximo estipulado na regra 4.1), mas sempre após um ponto ter sido anotado.

4.2. As substituições são feitas na região central da linha lateral, em frente à mesa da súmula, em uma área que se estende a até 5 metros de cada lado da quadra, a partir da linha central, sempre após um ponto ter sido anotado.

4.3. Os jogadores devem estar uniformizados e com numeração clara e visível de 5 a 20.

4.4. Os jogadores não devem usar quaisquer jóias ou adereços que possam ser perigosos ao mesmo ou a outros jogadores.

Regra 5 - Os árbitros:

5.1. Para jogos internacionais, o corpo de arbitragem deve ser composto de três pessoas.

5.2. Um dos árbitros é responsável pelo tempo e placar do jogo, e os outros dois devem se posicionar atrás dos quadros de remissão.

5.2.1. Os árbitros posicionados atrás dos quadros devem trocar de posição após cada período de jogo.

5.3. Caso dois árbitros apitem simultaneamente durante uma jogada, com interpretações distintas, a decisão do árbitro cuja posição é a mais próxima do lance tem prioridade.

5.4. Os uniformes dos árbitros devem ser claramente diferentes dos uniformes dos dois times.

Regra 6 - O tempo de jogo:

6.1. O tempo de jogo para homens é de três períodos de 15 minutos corridos, com intervalo máximo de cinco minutos entre os períodos.

6.2. O tempo de jogo para mulheres é de três períodos de 12 minutos corridos, com intervalo máximo de cinco minutos entre os períodos.

6.3. O tempo de jogo para jovens acima de 16 anos é de 12 minutos corridos, com intervalo máximo de cinco minutos entre os períodos.

6.4. O tempo de jogo para crianças abaixo de 16 anos é de dez minutos corridos, com intervalo máximo de cinco minutos entre os períodos.

6.5. O árbitro deve decidir se o tempo deve ser parado (em caso de contusões, etc.)

6.6. Toda ação ocorrida após o apito final é considerada nula.

Regra 7 - As faltas:

7.1. O jogador comete uma falta se:

7.1.1. toca a bola com alguma parte do corpo abaixo dos joelhos.

7.1.2. faz mais que três contatos com o solo com a posse da bola (receber a bola com um ou dois pés no chão é considerado como um contato) - "Regra dos três passos"

7.1.3. controla a bola por mais de três segundos - "Regra dos três segundos"

7.1.4. realiza o quarto passe de sua equipe durante uma jogada (um desvio da defesa é considerado passe) - "Regra dos três passes"

7.1.5. toca alguma área fora da área de jogo enquanto segura a bola.

7.1.6. deixa a bola cair durante um passe ou recepção.

7.1.7. obstrui o movimento de um oponente que esteja tentando receber um passe, arremessar, passar ou posicionar-se.

7.1.8. faz um arremesso num quadro onde já foram feitos outros 3 arremessos na mesma jogada (uma falta ou ponto retorna a contagem a zero)

7.1.9. toca a bola e esta cai na área de jogo, após um arremesso feito por um jogador do seu time.

7.1.10. toca a zona proibida antes de soltar a bola num arremesso ou passe.

7.1.11. atravessa a zona proibida ao posicionar-se para a defesa.

7.1.12. arremessa em um quadro, após um ponto, sem que a bola tenha cruzado a linha central.

7.1.13. entra em quadra para substituir um companheiro antes que este saia da quadra.

7.2. A falta é punida com a reversão da posse de bola ao time adversário, que deve realizar no mínimo um passe antes de efetuar um arremesso. Para a cobrança da falta, o jogador deve tocar a bola ao solo segurando-a com as duas mãos e após isso efetuar o passe a um companheiro, respeitando as regras dos três segundos e dos três passos.

Regra 8 - Pontos:

8.1. Um jogador marca um ponto se a bola, após ser rebatida:

8.1.1. toca o solo antes que algum defensor consiga pegá-la.

8.1.2. toca um defensor que falha ao pegá-la deixando-a cair, ou tocando uma área fora de jogo.

8.1.3. toca abaixo dos joelhos de um defensor.

8.2. Um jogador concede um ponto ao adversário se:

8.2.1. erra o quadro ao arremessar.

8.2.2. a bola, após ser rebatida, cair na zona proibida ou fora da área de jogo.

8.2.3. arremessa e a bola rebate em si.

8.2.4. toca a bola após um arremesso de um companheiro do mesmo time, estando dentro da zona proibida ou fora da área de jogo.

8.2.5. desvia a bola para dentro da zona proibida ou para fora da área de jogo após um arremesso de um companheiro do mesmo time.

8.2.6. deliberadamente toca a bola após um arremesso de um companheiro de time, para evitar que ela na zona proibida ou fora da área de jogo. É uma falta intencional.

8.2.7. ao tentar defender uma bola arremessada, tocar a zona proibida ou fora da área de jogo.

8.3. o time que tiver a maior contagem de pontos ao final do tempo de jogo é considerado vencedor da partida.

Regra 9 - Início e reinício de jogo:

9.1. No início do jogo a posse inicial da bola é decidida por sorteio. No início do segundo período, a posse de bola passa ao outro time, e no início do terceiro período, a posse de bola é do time que estiver perdendo a partida. No caso de haver empate, a bola pertencerá ao time que iniciou a partida.

9.2. O time que concedeu o ponto reinicia o jogo.

9.3. O início do jogo deve ser efetuado fora da quadra, atrás da linha de fundo. Os reinícios devem ser efetuados da mesma posição, porém, sempre atrás da linha de fundo onde está colocado o quadro que originou o ponto.

9.3.1. Se a regra 9.3 não for respeitada ou a bola cair fora da área de jogo, o time adversário ganha o direito de reiniciar o jogo.

9.4. Após reiniciado o jogo, a bola deve cruzar a linha central antes de que seja efetuado um arremesso. Para que o cruzamento seja válido, o recebedor da bola deve estar com os dois pés claramente do outro lado da linha central.

9.4.1. Um ou mais passes são permitidos até que a bola cruze a linha central.

9.5. O reinício não conta como passe.

Regra 10 – Rebote faltoso:

10.1. O rebote é considerado faltoso, quando a bola:

10.1.1. bate na parte metálica do quadro.

10.1.2. ao ser rebatida não respeita a "trajetória espelho" em decorrência de ter batido nos elásticos ou nos ganchos.

10.2. Se a bola cair na área de jogo após um rebote faltoso, é considerada falta em favor do time defensor.

10.2.1. Se o time defensor consegue dominar a bola após um rebote faltoso, o jogo continua normalmente.

10.3. As regras 8.2.2 a 8.2.6 também valem no caso de rebote faltoso.

Regra 11 - Comportamento frente a adversários, árbitros e público:

11.1. Todos os jogadores devem respeitar a Carta do Tchoukball (ver anexo B)

11.2. O jogador que violar o espírito de jogo com comportamento desrespeitoso frente a um oponente, árbitro, espectadores ou companheiro, receberá uma advertência do árbitro (cartão amarelo), que pode até mesmo, se julgar necessário, expulsar o jogador (cartão vermelho).

11.3. Um jogador expulso pode ser substituído.

11.4. Advertências e expulsões são anotadas na súmula de jogo.

ANEXO B:

A CARTA DO TCHOUKBALL

1. O jogo exclui toda busca de prestígio, tanto pessoal como coletivo.

Sobre o plano pessoal: A atitude do jogador implica em respeitar todos os demais jogadores, seja adversário ou da mesma equipe, forte ou fraco. O jogo é aberto a todos, uma vez que as capacidades constitucionais ou aquisitivas são diversas. Portanto, é inevitável o encontro de todos os graus de qualidades de atletas, o respeito e a consideração. Isto obriga todos os jogadores a adaptarem seus próprios comportamentos técnico e tático às circunstâncias do momento.

Sobre o plano coletivo: Um resultado, qualquer que seja, não implica em elevar a estima e a satisfação pessoal, não dá direito ao "sectarismo" de qualquer gênero. Uma vitória pode provocar prazer e alegria, mas não é uma razão de orgulho. A alegria provocada por uma vitória é um incentivo, o orgulho do vencedor implica em gerar uma luta de prestígio que nos condena, porque está sujeito à tensão e conflito nas relações humanas nos mais diversos tipos e todos os graus.

2. O jogo comporta sacrifício dos próprios interesses. Para começar, uma atenção constante na circulação da bola, depois as observações aos jogadores. Tal sacrifício é a participação subjetiva ao evento, que tem como resultado unir as personalidades com confrontações recíprocas em relação ao jogo:

a) O senso de rendimento coletivo da equipe: ela cumprimenta os adversários; aprende a estimá-los e apreciar seus valores, e a crer no sentimento de unidade dentro do afrontamento de pequenos grupos.

b) A assimilação das atitudes de grupo: chamado "adversário" em respeito ao qual precisa se impor um jogo adequado, mas que não comporta em momento algum, sentimento de hostilidade, de nenhuma espécie.

c) A preocupação principal de cada jogador deve ser a procura de um bom jogo. A experiência universal dentro dos esportes se resume na seguinte expressão: "O bom jogo chama o bom jogo".

Esta disposição do espírito é a base da ação social do Tchoukball. Ela permite se orientar para a perfeição e evitar sempre ação negativa contra o adversário. E mais que uma

regra do jogo, é uma regra de conduta permanente. A compensação psíquica do comportamento é base da personalidade social.

Assim, o objetivo é a supressão de conflito dentro de uma idêntica perspectiva. A idéia "Fair Play" é também ultrapassada, não se trata de concessão feita ao adversário, mas sim de ação conjunta, ligando as equipes uma as outras ou o bom jogo de uma equipe poderá fazer o possível de um bom jogo da outra parte.

3. O jogo deverá ser um exercício social, e não uma atividade física.

Uma comunhão pelo meio de execução, o melhor tem a responsabilidade de ensinar aos menos dotados. Não existe, portanto, um campeão no verdadeiro sentido da palavra, mas sim uma corrida para a competência.

Quando se diz: "Que vença o melhor!", subentende-se o fato que ser o melhor é sinônimo de uma preparação qualificada. É justo, portanto, que os resultados recompensem os esforços feitos pelos jogadores, primeiro individualmente e depois coletivamente.

Desse ponto de vista, uma vitória pode e deve suscitar uma normal satisfação acompanhada do respeito ao adversário.

A vitória deve provocar estimulação nos adversários e não um sentimento de engrandecimento. Os vencedores deveriam esforçar-se para favorecer tal impressão. Uma sã satisfação dos vencedores é a maneira cordial de estender as mãos aos perdedores incentivando-os a continuar um treinamento mais eficaz.

Por todas razões, a noção de "Campeão" deve deixar espaço a uma noção mais modesta e que melhor se adapte àquela de um simples "Vencedor".

Jogar para aperfeiçoar. É esse o sentimento que toda atividade de jogo deve comportar e desenvolver. É para esta conclusão que a organização do Tchoukball deve aspirar, do simples encontro ao mais sério confronto oficial.

**ANEXO C:
INTERNATIONAL TCHOUKBALL FEDERATION
HISTORY**

Dr. Hermann Brandt

Born on October 6th, 1897 in Chaux-de-Fonds; where he obtains in 1916 his high school diploma. Doctor of medicine from 1924, he is very fast interested in the remedial gymnastics, in the physical rehabilitation and in the medical supervision.

1928 He is the founder of the university sport

1929 He participates in the development of Basketball. He was the main presenter(driving force) for the introduction in Switzerland of the feminine basketball.

1932 He created the first centre of sports medicine in Switzerland. This centre, which it continued to steer up to the age of 65 years, was connected in 1954 with Polyclinique Universitaire of Medicine of Geneva.

1932 Searches (researches): physical Capacities and indicate Age - Weight - Size (the biologic estimation has to substitute itself for that of the raw performances.

1936 The French medical review "Psychomotricity" asks him to present its searches(researches) on: classification of the movement as the base of a method in physical education.

1936 Perceived on the style in cycling.

1938 He is called as member to advise of the French society of cinésiologie Searches (Researches) and article. Physical education, Gland Indoctriate.

Creation of Tchoukball

1967 March 29th. First meeting organized by Mr Brandt concerning the appointment of a committee for the tchoukball

Remarkable book: "of the physical education in the Sport, by the biology", one of its main decorates who always makes authority

1968 At the end of March: Michel Favre has the privilege to get acquainted of M and Mrs Hermann Brandt during a demonstration to Morges, on the first attempts of the tchoukball.

May 8th. First leaflet(gatefold) printed with photos on the structure and the principle of the tchoukball. Numerous documents; "structure, scenarios, physical education, (articles) etc. "in 1968 June 17th. First article on the tchoukball in the newspaper "La Tribune de Genève".

October 31st Conference, put in train and demonstration of TB by Mr Brandt to Chêne-Bourg (Geneva) M.Th. Wery moves since Strasbourg. (1st contact, 2nd in 70)

Introducing of Tchoukball in Switzerland

1969 A great collaboration (Dr Hermann Brandt and Michel Favre) settles down and after several journeys between Geneva and Cernier (Neuchâtel). We pursued together several searches(researches) in the medical domain. We elaborate among others, the book on the tchoukball. It will make too of numerous movements to give conferences within the framework of "Youth and Sport and of the ASF". Subject: training, physical education and sport".

Michel Favre tried to introduce these new concepts into the various sporting unions. It is inside the Swiss Association of Football that he begin to make play to Tchoukball "my football players".

1970 June 6th. He organize with the cantonal service of sports (not still JS) for all the instructors (monitors) the first demonstration of tchoukball in the canton of Neuchâtel to Fontainemelon. Mr. Brandt animates this activity: (regrettably few persons are present.)

First leaflet (gatefold) with the former (old) rules

In August, Michel Favre create a small group of TB in Cernier (Neuchâtel)

Presentation of the Tchoukball in international level

1970 It is also the departure for Portugal where the Dr Brandt will present his searches (researches) on the training, the physical education, and the conception of a new sport, the Tchoukball, which he exposes within the framework of its "Study criticizes scientist of the

team games".

This study allows him to obtain in 1970 the price Thullin de la FIEP (International Union of Physical Education) which rewards the best original work on the theory of the physical education, considered by the physiological point of view, psychopédagogique and sociological.

In November: during the movement in Portugal. We (Dr. Hermann Brandt and Michel Favre) met Mr. Theo Wery (from France)

Having read again the rules of the TB. He proposed us a change which we accepted because it structured better this sport in front of other. Proposed modification: "a point can be marked only after a shot in the frame, "while before" any fault was sanctioned by a point."

Regrettably the book on the tchouk and a small part had just gone out of press. We had to reprint the part.

1971 February 27th. Creation of the French Union of TB.

March 27th. In France First conference and presentation of TB (Strasbourg).

April 18th. Michel Favre surround by himself with a team to support Mr Brandt and form a Swiss Union of TB, to form itself to make known the TB.

(Remark: there was only a club in Geneva and our group in Cernier.(Neuchâtel)

June 5th. Creation of the International Union of TB with Mr Brandt as President.

(Remark: there were only two countries, Switzerland and France) Our purpose was naturally to make known the TB, but also to protect rules by indicating in the statutes that no modification would be made during 15 years.

June 5th. Exit of the book Study criticizes scientist of the team games.

4 September. Draft agreement with the F.I.E.P. (Dr. Hermann Brandt, Michel Favre and Pierre Seurin, President of the F.I.E.P.)

October 31st. First match international Swiss - France (49-53) to Geneva

Different good press-articles of which a little bit laudatory of the Express of Neuchâtel.

1972 At the beginning of the year, while Mr Brandt was already seriously sick, we met (Dr Hermann Brandt, Michel Favre) Mr. John Andrews (current President of the physical educational international Union and FITB) who had moved quite specially of England to

know this new sport. It is thanks to this meeting that the TB will be known worldwide. The idea, the concepts and the structures of this sport fascinated this remarkable professor. The Dr Hermann Brandt was also a member of the executive committee of F.I.E.P.

February 13th. Assembled FSTB to M H. President Brandt.

We organize in Swiss numerous demonstrations and matches between Geneva and Val-de-Ruz.

August 29th. Michel Favre is invited by the association YMCA to present the TB within the framework of the Olympic Games of Munich.

November 15th. The Dr Hermann Brandt died, in Geneva, following a long disease against which he fought for several years with an extraordinary courage. He was for many of us, a Science and Men, example which we cannot forget. Its really original work is the creation of a new Sport, Tchoukball. This works showed the high scientific knowledge of our friend, as well as his deep sense of the human being and his very healthy conception of the physical exercise put in the service of the education.

December 9th. Creation by J. Andrews of the English Union of Tchoukball to Cheltenham and membership of the B.T.B.A in the F.I.T.B.

1973 April 29th. Assembled FSTB. Sir L. Hegyi proposes Michel Favre as President of the F.S.T.B. and Madam G. Brandt is named member of the committee. An annual assembly will be summoned at the beginning of the year.

1977 April 19th. Balance of the work of J. Andrews in England and across the world John Andrews has presented the Tchoukball in several countries, Venezuela, Israel.

July. J. Andrews makes discover the TB to Taiwan, (who is at present practised approximately by 1200 teams.)

Reflections on the Development of Tchoukball in the world

1980 July.

As for any new sport and any new idea, the first steps are difficult. However from its appearance in 1970, Tchoukball of the fact when it was studied, so much point of view medical as educational, was noticed by the responsible for the international physical education.

The price Thulin attributed (awarded) to the inventor of this sport dedicates not only its book" Study criticizes scientist of the team games " at the presentation of Tchoukball as sport of tomorrow, but also at the studies and at the relevant reflections on the general problems of the sport.

The description of 3 quotations is characteristic of the spirit of the sports doctor whom is the Doctor Hermann Brandt. **"The purpose of the human physical activities is not to make champions, but to contribute to the construction of a harmonious human society"**.

It seems to us extremely doubtful that the mass production of the exceptional champions serves usefully the cause of the humanity.

We have to allow the physical Activities to play their social educational role by achieving most and as good as possible all the coats(layers) of the population.

Tchoukball is sensibly the sport for all par excellence being educational and not aggressive. It is the only team game or the young people, the elite of the sport and less young, the girls and the boys, men and women can play together, finding the balance and the pleasure to play and to make play the others.

The qualities of this new sport made that very early people who collaborated with the Doctor Brandt for the elaboration of the rules of games are interested to propagate its ideas. We shall quote originally, Misters Michel Favre professor in Switzerland (Swiss), Theo Werey, doctor of University, professor of EPS to the Faculty of Medicine from Strasbourg to France and then Mr. John Ed. Andrews. Senior Lecturer, Saint Paul ' College, Cheltenham, Great Britain.

Mr. John Andrews is also a General Secretary of the F.I.E.P since 1970, what puts him in touch with the sports world of all the countries.

Tchoukball was introduced into about twenty countries where demonstrations took place.

In France the development had been made in the region of Strasbourg thanks to Mr. Theo Werey's action at the university of this city. At present the action begun by Mister Maxime Poupa in the Paris region carries its fruits and several teams are formed within the framework of the league Ile-de-France.

It is necessary that its efforts are supported. A class(course) given to Marly-le-Roi within the framework of the grouping of " Voluntary Gym " allowed the distribution in all the

regions of France, this new game. Executives' hundred are distributed in sporting clubs, schools and centres medical - sportsmen of France.

In Switzerland, Michel Favre has promoted the Tchoukball especially in the schools, also executives' hundred are more specially distributed in schools.

The canton of Neuchâtel is a pioneer and the Department of the state education helps in the introduction of Tchoukball as educational sport in schools and superior secondary schools. There are ten executives at the Federal sporting school of Macolin.

In England Tchoukball was recognized as Sport for All and benefited from a wide promotion. Approximately 10 ' 000 graduates play Tchoukball. The accent today is specially given to trainers' forming.

German Federal Republic The introduction of Tchoukball was specially made by Hochsportschule of Cologne and this game is practised in the other schools and Universities such Heidelberg for example.

A team of Cologne appeared at the tournament of Cheltenham in Great Britain.

Austria The Austrian Union is in forming, laudatory goods articles on this new not aggressive sport appeared in the Viennese press.

Holland A Dutch Union of Tchoukball is in process of creation.

Belgium trainers' trainings are organized since autumn, 1979 by the professor Laporte at the university of Gand,

Mexico Tchoukball was presented to the Physical Educational National institute. The interest for this sport is very big and the rules of game(set) were translated into Spanish.

Brazil During trainings F.I.E.P. about sixty trainers were introduced to Tchoukball.

Nelson Schavalla, Julio Calegari has participated at these training courses by John Andrews.

Océlio-Antonio Ferreira after a stay in Switzerland introduce the Tchoukball in several countries of Brazil. (São Paulo, Sergipe, Bahia etc.)

Venezuela A presenter is looked for to immortalize the information and help to the grouping of the trainers who participated in the trainings of the F.I.E.P.

Iceland A training of two days was organized.

Iraq A training of week was organized to the institute of the sports of Bagdad. Conferences with slides interested largely the participants.

Tunisia The national institute of sports invited the F.I.E.P. for a next Congress followed by a training with presentation of Tchoukball.

Sweden The Swedish Union is in forming, demonstrations take place and the activity becomes intensified.

Denmark and Norway Tchoukball was presented but presenters avid are missing to organize training courses.

Taiwan After a great work of the professor Ray Ming Fong with the support of the government and the ministry of education a training of 50 arbitrators was organized and 350 teams are formed. Rules are translated into Chinese. An Union established in April, 1978 with 208 founder members. A team paid a visit in Europe and meetings were notably organized in Cologne and in Geneva.

Australia is established a list of Universities and responsible with the aim of the Congress F.I.E.P. and Tchoukball will be presented to this occasion by Mr. John Andrews.

Canada The University of Three Rivers is going to organize a training of Tchoukball in 1981. The road crossed during the first ten years is already long, but due to its educational value and the spirit of dedication of the responsables for this promotion, Tchoukball will become established and will develop according to the idea of his inventor. Now Marc Beaulé has created the first Canadian Tchoukball Association .

Japan The TB progressed in this country thanks to the efforts of Taiwan, a Japanese union is in process of forming(training) and rules are already translated into Japanese.

Korea A student of the university of Seoul which held the table of arbitrage during the tournament in England suggests introducing the TB into its country.

Ireland, Finland, New Zealand, East Germany, Saudi Arabia, Senegal, Sri Lanka, Polynésie, present Zimbabwe, The Delegates FIEP the TB as far as their means.

USA, Pierre-Alain Girardin has promoted the Tchoukball in different countries of the U.S.A. and he has created the U.S.T.B.A.

For more and actually information's, you have the possibility to consult all the web site of the Associations.

1980 October 4th. General assembly of the F.I.T.B. Chêne-Bourg (Geneva)

For the first time of persons of Taiwan participate in this assembly. The union of Taiwan asks for the creation of a continental committee of Asia to be able to develop the game in these countries.

Assembled some disrupted by some differences between some persons. Charles Tschachtli is named a treasurer to Mrs Brandt Création's place of a committee(commission) for the revision of statutes

November 1-2nd. Michel Favre organize a tournament in Chaux-de-Fonds with the cooperation of teams of Taiwan, England, Paris, Val-de-Ruz, Neuchâtel, Geneva, the gym of Chaux-de-Fonds, team of elder sons and a feminine team.

To note the net evolution of the tchoukball, notably the interest noticed within the spectators, during this tournament. The public was sensitive to the spectacle and most moved to see playing the Chinese.

1983 June Death of M Pierre Seurin, Président d' Honneur of the FITB

Mr. John Andrews is nominated as President of the F.I.E.P.

1984 March 31st. An Invitation to participate in the assembly of the FITB in Taipei, and in an international match.

20/26 in August. Movement to Taiwan, international matches and Assembly of the FITB.

Present countries: Korea (1F), France (1M), Great Britain (1M), Hong-Kong (1M), Japan (1F+M), Switzerland (Swiss) (1M) and Taiwan (1F+2M).

Mr. Cheng Fong Liu (Taiwan) is named a President and replace Mr Théo Wery.(France)

Mr. Liu and the ROCTBA assumes financially a very big part of all this organization.

1985 April 12th. Reunion of the arbitration committee for the elaboration of a new code of arbitrage which takes into account the positive evolution of the tchoukball, notably in

Asia. A project was prepared on the basis of the initial document presented by the Dr. Brandt and educations pulled by the international tournament of Taiwan in 1984.

November 23rd. Reunion FSTB to Cernier. Preparation of the movement for Taiwan at the level of statutes, rules and of the tournament in international of TB, in the canton of Neuchâtel of 27.7. In 3.8.87.

December 28th. Movement to Taiwan of countries being a part of the FITB to reshape statutes and rules. The code of Swiss arbitrage is accepted by the representatives of unions member as reference text for the implementation of a world regulation.

1987 July 31rd. under Michel Favre's presidency, in the head of the technical committee and the arbitrage of the FITB, the results of the tournament were confirmed by the jury, consisted of two members of every present delegation, but that no appeal is put down. Certain decisions (1985) were taken concerning the rules of game and the gestures of the arbitrator whereas some questions remained unresolved, by waiting for new concrete propositions and solidly motivated. The assembly named (appointed) international arbitrators among whom, for the FSTB, Philippe Perriard, Jacques Breguet, Alexandre Luthi and Michel Favre.

July 27rd – August 3rd. International tournament. The success was total.

Present feminine teams: Korea, France, Great Britain, Japan, Switzerland and Taiwan.
Teams male presents: France, Great Britain, Japan, Switzerland and Taiwan.

At the same opportunity, the International Union of Tchoukball held his assizes.

One of the important points of the order of day was the last settling of the Statutes of the F.I.T.B.

To notice that many disputes were settled.

The second assembly had to gather the responsables for the arbitrage of the various countries. Several important points are lifted. Michel Favre sent to every national Union a detailed report with a work plan to level the different points of view on some problems of arbitrage.

Every Union has to announce as soon as possible their remarks.

Every Union also has to send their lists of international arbitrators so that we can free(deliver) them their diplomas. These arbitrators all arbitrated during the world Tournament. **Summing up "History of the Tchoukball" writing by Michel Favre.**

ANEXO D:
ÍTEGRA DAS RESPOSTAS DOS ESTRANGEIROS

I) **ENTREVISTADO: PIERRE-ALAIN, EUA.**

1. Personal information:

- a) Pierre-Alain Girardin
- b) 12 March 1957
- c) pierre@tchoukball.net
- d) U.S.A.
- e) Academic graduation:
- f) Main occupation: Tchoukball Teachers and business manager

2. When and how did you start playing tchoukball? I started playing Tchoukball about 7 years ago and I was invited by a friend to play it.

3. Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first? I had no expectation at first except that I wanted to try it for the non-interference rule and to discover how it looks like. I decided to get involved because I want to promote the fantastic educational tool to children and adults

4. What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation? Since I have been in the U.S I have taught the game in several schools from elementary to High School and also I have demonstrated the game to thousand P.E. teachers in the U.S. At the community level I have started playing with adults and children and recruited people to play with us. In April 2004, I have also organized, with the help of the players in Maryland, the First International Tchoukball Festival in the U.S. about 200 people from Italy, Canada, Switzerland, and the U.S. attended this event. In addition, I coached a team of girls in Los Angeles for about a year.

5. In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special? In my opinion, events, as our International Tchoukball Festival, will help Tchoukball be apart from other sports. Our event was organized with two main goals: to have training and practice together, and to play Tchoukball together. Our event was focus on friendship and enjoyment of playing the game together. (no score was kept and no ranking

was made!), with the spirit of the Charter on our mind. Hopefully, a few people in charge of the organization of Tchoukball events will continue organizing this kind of events.

Tchoukball is particular because of the intentions and motivations of the inventor Dr. Hermann Brandt, when he invented the game of Tchoukball. Most of his motivations and ideas are written on the Tchoukball Charter as well as on his book, "Critical Scientific Review of Team Sport" that I have started translating it in English and can be read on line at www.tchoukball.net.

Dr. Brandt among other Friends created the International Tchoukball Federation (FITB) to help promote Tchoukball to the other countries with its values. Today, even the Tchoukball Charter has been removed from the FITB Statutes? Today, the FITB International events, are focus on creating "champions", (e.g World Championship) when the game was invented with the purpose of giving an opportunity to the greatest number of individuals to access to Physical Education in a social concept (team) "The objective of human physical activities is not to make CHAMPIONS, but rather to help construct a harmonious society" Dr. Brandt. ("Critical Scientific Review of Team Sport" Introduction)

Since 2002, I really doubt that the way of the actual International Tchoukball events, are organized meet this goal? Actually, absolutely nothing makes Tchoukball "to be apart of other sports and so special" with this kind of "competitions" Come to our International Tchoukball Festival in summer 2005, and you will see another Tchoukball!! (it is an invitation!)

6. Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country?

To do presentations in front of P.E. teachers and have the Frames to be able to allow them to play Tchoukball in school and expose children to the game. At the community level: to publicize and recruit people by talking to them.

7. How is the development stage of tchoukball now a days in your country? Are there some important regular events? Yes, we organize an International Tchoukball Events and invite people, around the world to practice, to learn and to play the game. At the school level, hundred of schools have been teaching the game in P.E. class and it continues to expand.

8. What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? Which will be the next steps? At what level? Because I am convinced about the educational aspects of the game, my main goal is to introduce it at school in PE and

offer an opportunity to children to play a team sport, just for the enjoyment of playing and the beauty of the game.

Since 2002, I have met fantastic and wonderful P.E teachers and people who are convinced and attracted by the way Tchoukball should be played in accordance with its true roots!

At the “Competitive level” I am going to leave the others to promote it. I am sure, out there; they are lots of people ready to play Tchoukball at the “competitive level” with the same model of the other sports and make Tchoukball not too different than other sports.

9. What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular? Why it is so important to make Tchoukball popular? And at what level? If this is to promote honestly and frankly another sport and take advantage of the concept of Tchoukball, and its charter, to contribute to the edification of a harmonious society, I think we need to continue to promote it at school, and in the community with the beauty of the game in mind while playing and to allow Tchoukball to be played with its original goals in mind.

II) ENTREVISTADA: CHIARA VOLONTÉ, Itália.

1. Personal information:

- a) Volonté Chiara
- b) 14.9.1958
- c) chiara.volonte@tchoukball.it
- d) Italy
- e) Academic graduation: degree in Physical Education
- f) Main occupation: teacher, coach, President of Italian Federation

2. When and how did you start playing tchoukball? 1996

3. Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first? To introduce and spread Tchoukball in Italy as school game.

4. What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation? I'm full time involved. I go around to spread TB in my country and abroad. I play, I train teams. I have started just trying to involve other P.E teachers and players, but after I have established The Federation with some of them and I took part to some international event. I

keep some courses for P.E teachers. I try to learn more studying and also going abroad to see how other federations work.

5. In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special? TB has an ethical chart who give it a special “spirit” of the game, that it is more than fair play. If we will able to maintain this spirit also in the future , when TB will more popular, TB will be the best sport in the world.

6. Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country? I went around in the school to show Tb to P.E. teachers and students trying to involve them.

7. How is the development stage of tchoukball now a days in your country? We did some steps, but we are still at the beginning of our road, just in some region of Italy people knows what is TB , especially in the north. **Are there some important regular events?** Yes, Rimini Beach International tournament and other tournaments in different cities, courses for P.E. teachers.

8. What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? It will become more popular then now. Which will be the next steps? Put TB in University for P.E teachers as subject, prepare a project to adapt TB for disabilities people.

9. What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular? Organize event/ presentation, better inside to a big events who draw yet people, to show the sport and during the event involve people making them play and have fun.

III) ENTREVISTADO: CHRIS HUANG, Taiwan.

1. Personal information:

- a) Huang Chin-Cheng
- b) 1969.7.17
- c) tchoukballtaiwan@yahoo.com.tw
- d) ROC
- e) master
- f) teacher

2. **When and how did you start playing tchoukball?** When I'm in teacher's college. My teacher us and have a class championship. It is funny and I teach tchoukball when I'm a teacher .I learn how to be a trainer too.
3. **Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first?** I like the sport spirit and Taiwan is very good for it in the past.
4. **What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation?** I'm a coach in 1992 for 1 year and go to army fro 2 years and go the another county and start to promote tchoukball as a general secretary in Kaoushiung tchoukball committee and find a lot of people to promotion tchoukball. And I help tchoukball in ROCTBA and ATBF and FITB.
5. **In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special?** Educational power.
6. **Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country?** To teach teachers to learn tchoukball and promotion it in school.
7. **How is the development stage of tchoukball now a days in your country? Are there some important regular events?** I don't know what you means? There are 2 national championships for 1 years.
8. **What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? Which will be the next steps?** Wg2009 in Taiwan. To write a training book and do the vcd to help people understand it well.
9. **What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular?** To teach teachers to learn how to teach tchoukball.

IV) ENTREVISTADO: MARC BEAULÉ, Canadá.

1. **Personal information:**
 - a) Marc Beaulé
 - b) April 27th, 1965
 - c) tchoukballcanada@hotmail.com
 - d) Canada
 - e) B.sc in Teaching Physical Education

f) Physical Education Teacher

2. When and how did you start playing tchoukball? I started teaching Tchoukball 7 years ago after reading about it on a web site.

3. Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first? I wanted to try a new sport that could be different from all the previous sports I knew. I also wanted to find a sport that could be without violence, physical contact or aggression against a player.

4. What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation? 5 years ago, the FITB president (Charles Tschachtli) asked me to put up a Canadian Tchoukball Association and to find players to attend the 2002 World Championship in Great Britain. The CTBA (Canadian Tchoukball Association) was created and we were able to send a men and mixed team to GB in 2002 and were able to send a men's and women's team in Taiwan this summer. I am currently the President of the CTBA. My role is to make sure that Tchoukball will be known in other parts of Canada, not only in the French part of Quebec.

5. In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special? Since Tchoukball is a sport that forbids any interception of the object in play (a ball), every player is free to make a pass to another player without having to deal with the opponent. I like to compare Tchoukball with a chess game, where you cannot prevent the opponent to make a move, but you have to adjust your moves with his. Also, the philosophy of the creator of Tchoukball, Dr. Hermann Brandt, has set a solid base for this humanist sport. He stated that sports should have a uplifting role for humanity, a happening where all participants can participate into a mission and where all players have a role to play. The opponent is also quite important in Dr Brandt philosophy, where you learn you do not play against another team, but with them. Without any opponents, a game is impossible. That's why we have to respect the opponent.

6. Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country? I came to think that the best place to promote Tchoukball was to contact the P.E. (Physical Education) Teacher of my region (Montreal), then of my province (Quebec) and now the rest of Canada. In Quebec, P.E. Teachers can have access to workshops where they can learn new ways of teaching Physical Education, new games, new material. I decided to contact the people involve in these workshops and offered them to attend and to present Tchoukball to

their sessions. My first presentation was in 1998 and since then, it never stopped. The P.E. Teachers were ready and happy to learn of a new sport like Tchoukball. We also created a web site, gave flyers explaining Tchoukball, etc...

7. How is the development stage of tchoukball now a days in your country? Are there some important regular events? In Quebec, Tchoukball is really healthy. We have tournaments for kids, juniors and adults. As for Canada, there is still a good amount of work to be done. We were able to present Tchoukball to P.E. Teacher in Nova-Scotia (an eastern province of Canada) in October, I'll be in Prince Edward Island (another province of Atlantic Canada) on November 12 of this year, will be in New-Brunswick next February and will probably present Tchoukball in western Canada in the Spring of 2005.

8. What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? Which will be the next steps? Mathieu Dussault and Nicolas Brisebois (both were the coaches of Canada's teams) will put up as many leagues as possible so Tchoukball will be accessible to more and more people who want to try it. Our national television (Canadian Broadcasting Company) will present a segment on an important primetime show called "adrenaline" where viewers will see how Tchoukball is played. So we expect that Tchoukball will benefit from it.

9. What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular? Again, I think that our best allies are the P.E. Teachers. By promoting Tchoukball with these teachers, the kids will come to like the game and grow into juniors and adults that will want to play it again!

V) ENTREVISTADO: JOHN ANDREWS, Inglaterra.

1. Personal information:

a) John C. Andrews

b) 9.12.34

c) jcafitb@aol.com

d) England - UK.

e) B.A Hons. Cert. Ed. Master of Education, University of Birmingham (6 years)

f) University Lecturer in Physical Education and Sport. Teacher Training. World President International PE Federation 16 Years. Now retired.

2. When and how did you start playing tchoukball? Received Dr. Brandt's book from him in late 1970, first played in Switzerland with Dr. Brandt and Michel Favre in summer 1971. Took first frame back to England.

3. Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first? Professional contact with Dr. Brandt, shared the same views of sport, promised him to continue the sport after his death.

4. What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation? Introduced sport in Britain and have made contacts and courses in 35 countries. Player, coach, England teams, international referee, President of British Tchoukball Association 12 years, Joint General Secretary, European President, World President, now President of Honour and international consultant for FITB.

5. In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special? Game idea, rules and spirit set out in code. Unfortunately a number of the people now developing the game do not understand what makes the special difference and are pushing t. ball into the normal elite championship model.

6. Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country? Play and demonstration teams at St. Paul's College Cheltenham, National Press and TV coverage, demos in national PE and Sport conferences, articles in PE professional journals, professional contacts.

7. How is the development stage of tchoukball now a days in your country? Are there some important regular events? Reasonable development in view of the large number of sports practiced in UK, Yes...Regular tournaments for children and youth. (Best to ask current national officials) The key to development is to find convinced people, give them financial support, and have frames readily available at a competitive price.

8. What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? Which will be the next steps? This must be answered by current leaders. See my recent open letter to all current tchoukballers. Julio has a copy.

9. What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular? In new situations the keys are to find the right people ready to invest their time and energy. Then to give them info, and logistical support, and join them into national and international networks. Developing a new sport is a long term process and one with steps forward, periods

of no progress, and sometimes failure to maintain the progress once made. Motivation needs to be of the life-long type!!!

VI) ENTREVISTADA: GHISLAINE OUVRARD-ANDREWS, França.

1. Personal information:

a) Ghislaine Ouvrard-Andrews

b) 26.1.52

c) Goaffepgv@aol.com

d) France

e) Degree...in PE. « Licence Universitaire in Education and Motricity », Masters Degree in Sport Management Total studies, University of Poitiers 5 years.

f) Full time post in Regional Office of French Ministry of Youth and Sport, National Vice President French Federation of Physical Education and Voluntary Gymnastics (FFEPGV) Former Assistant Secretary/Treasurer International PE Federation, current national Delegate and Executive Board member.

2. When and how did you start playing tchoukball? Christmas 1990, Cheltenham, UK with John Andrews and son Gordon in local club.

3. Why have you decided get involved with tchoukball and which expectation did you have at first? Convinced of social and educational potential of this sport. Able to transfer many of my skills as a former national team handball player.

4. What have you done to keep involved in tchoukball? What is your participation? Playing, teaching, refereeing. Giving courses in France, Switzerland and Brazil. Member of FITB board. All actions supporting the work of John Andrews in spreading tchoukball in last 14 years.

5. In your opinion, which point helps tchoukball to be apart from others sports and to be so special? Brandt's ideas as interpreted and taught by John Andrews and Michel Favre.

6. Which were the first steps to develop or disseminate tchoukball in your country? Started in Strasbourg by Dr Theo Werey. Formation of national association. Unfortunately the development of t.ball in France since then has been seriously disrupted by individual

jealousies, inter city rivalry, inter region squabbles - between Strasbourg, Paris and Le Havre areas.

7. How is the development stage of tchoukball now a days in your country? Are there some important regular events? Recent progress in Poitiers area with club play and teacher's courses. French Federation recently reformed.

8. What do you expect that may happen to the sport in your country in the incoming months or years? Which will be the next steps? Depends on new leadership. Best to ask them. Will be a long process to establish as a sport alongside others. Some openings in health sport and gymnastic volontaire movement possible.

9. What should have done to develop the sport in a new city and make it more popular? I agree with the analysis given by John Andrews in answer to this question. Note: in France it is very important to have official status and recognition to get state financial aid for development.